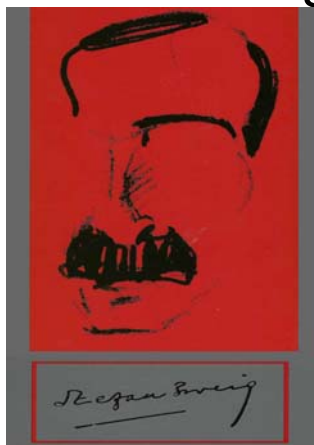


Salomão Rovedo
(Seleção e notas)
Izabela Maria Furtado Kestler
(Introdução)

Stefan Zweig



Pensamentos & Perfis
(Excertos)

Rio de Janeiro
2006

Stefan Zweig

PENSAMENTOS

§

PERFIS

Índice

1. Salomão Rovedo: Pensamentos e perfis, pg. 4
2. Izabela Maria Furtado Kestler: Stefan Zweig, Brasil e o holocausto, pg. 6
3. Stefan Zweig: Gratidão aos livros, pg. 8
4. Salomão Rovedo: Stefan Zweig está de volta, pg. 9
5. Stefan Zweig: Pensamentos, pg. 11
6. Stefan Zweig: Perfis, pg. 25
7. Os autores, etc., pg. 70

Pensamentos e perfis

Salomão Rovedo
rovedod10@gmail.com

Este volume de excertos de pensamentos e perfis biográficos escritos por Stefan Zweig, tem uma história simples. Tudo ocorreu depois da leitura de “Morte no paraíso”, biografia escrita por Alberto Dines, na nova edição bem aumentada e com dados inéditos sobre o escritor austríaco, editada pela Rocco.

O ano de 1939 foi sobremaneira um dos mais dramáticos da vida de Stefan Zweig. Até então vivendo na Inglaterra, como exilado, com algum conforto e tranqüilidade, Stefan Zweig sentia o seu espírito inquieto. Não conseguia trabalhar nem produzir com a segurança que pretendia. O espírito do apátrida sempre perambulou pela vida de Zweig. O fato de ele próprio perceber a presença constante desse fardo incômodo tornou a situação ainda mais dramática, porque desesperançada. Na Alemanha se consolidava o domínio do Nacional-Socialismo, ou seja, Hitler e seus seguidores tornavam oficializado o anti-semitismo programático em política de governo. A Áustria, ameaçada de destruição, rapidamente se viu dominada pelos nazistas locais e não teve outra saída senão aderir a Hitler, transformando-se logo numa republiqueta germana. Mais uma razão para se lançar no mundo da realidade, sem destemor:

“Precisamente o indivíduo sem pátria, em um novo sentido, se torna livre – e só quem já não está preso à coisa alguma, não necessita mais respeitar coisa alguma. Nasci em 1881 num grande e poderoso império, na monarquia dos Habsburgos. Porém, não a procurem no mapa: ela foi extinta e não deixou vestígios. Cresci em Viena, a bimilenária metrópole e – como um criminoso – tive de abandoná-la, antes de ter sido ela rebaixada a condição de simples cidade alemã de província. Minha obra literária no idioma em que a escrevera foi reduzida a cinzas, no mesmíssimo país em que meus livros fizeram milhões de leitores amigos seus”.

No entanto, de repente, sua situação no país mudou de água para vinho. Essa mudança radical transtornou o exílio de Stefan Zweig: de hora para outra, viu a sua atividade, movimentação e correspondência, serem vigiadas pelas autoridades locais. Ele mesmo pessoalmente se sentia mal localizado, porque agora era um exilado político com status de “inimigo”. Tinha de comparecer constantemente perante as autoridades, preencher formulários e mais formulários, comprometer-se com isso e com aquilo. Como não poderia ser de outra maneira, devido à sua personalidade libertária, Stefan Zweig se transformou num *coração inquieto*...

“Por isso já não pertencço a lugar algum, em toda parte sou estrangeiro e na melhor das hipóteses hóspede. Até a verdadeira pátria que meu coração escolhera para si – a Europa – eu a perdi desde que ela pela segunda vez se dilacerou numa guerra fratricida. Outras vezes surpreendo-me a dizer ‘minha casa’ e imediatamente não sei de qual delas quis falar, se da em Bath ou da em Salzburg ou da casa paterna em Viena.

(...) tenho de me lembrar de que para os seres humanos da minha pátria há muito tempo tão pouco pertencço a ela como para os ingleses ou norte-americanos pertencço a seus países, tenho de me lembrar de que a terra onde nasci já não me acho organicamente preso e nestas outras nações nunca estou inteiramente incorporado”.

Comentando as atividades de alguns grupos judeus que preferiam o enfrentamento à fuga – e por isso exigiam dele mais agressividade em defesa de seu povo – Stefan Zweig confessou que preferia, naquele momento, que os judeus fossem o mais discreto possível, adquirissem até mesmo alguma certa invisibilidade, se fosse necessário. Foi nesse mesmo ano que ele começou a se movimentar mais agressivamente em busca de uma solução para a dramática situação dos judeus, que ele muito bem sabia anteceder, por já ter participado e sentido na própria pele situações semelhantes, em passado recente. Quem se der ao trabalho de pesquisar seus diários, como Alberto Dines o fez, verá que esta é uma época de muitas páginas em branco, sintoma evidente de seu desejo de circular anônimo, devido ao assunto delicado que tratava.

(...) Conheci na época anterior a primeira grande guerra o mais alto grau e forma de liberdade individual e depois o mais baixo nível a que não tinha descido havia séculos, fui festejado e banido, livre e não, rico e pobre. Não havia país em que pudéssemos nos refugiar, tranqüilidade que pudéssemos comprar, sempre por toda parte a mão do destino nos agarrava e puxava à força para seu giro interminável”.

Nessa ocasião comecei a leitura e a releitura de outras obras de Stefan Zweig, principalmente a “Schachnovelle” (que sempre me chamou atenção por minha evidente paixão pelo jogo de xadrez), da qual estou destrinchando a partida que serviu de base, além dos sintomas e das influências de Freud quanto ao preparo psicológico da trama e dos personagens.

O que me chamou a atenção, neste caso, foi a descrição da viagem de navio, da qual participavam jogadores de xadrez “com destino a Buenos Aires”. Ora, em 1939 foram realizadas na Argentina várias competições enxadrísticas, sendo o Torneio das Nações a principal delas. Outro torneio, também importante, foi a disputa do Título Mundial Feminino, tendo Vera Menchik confirmado o seu título. O ambiente a bordo é perfeitamente descrito, a movimentação tranqüila dos viajantes comuns, o zumzumzum feito pelos fanáticos do xadrez, os vícios e manias dos jogadores, as excentricidades, o mercenarismo e mecanicismo que então principiavam a macular as regras, até então puras, do “jogo ciência”.

Bom, como apêndice do volume com os temas acima enunciados, que ainda estou elaborando, pretendia juntar algo da obra de Stefan Zweig. Só que essa coleção de pequenas coisas foi crescendo, foi crescendo, alguns escritos (como o belíssimo artigo de Izabela Maria Furtado Kestler), foram aderindo espontaneamente, tudo isso fez com que o apêndice tomasse conta do volume e exigisse uma vida independente, como de fato ocorreu.

Separar esse e aquele pensamento de uma obra volumosa como a de Stefan Zweig é uma coisa para louco. Como dá para notar, tive de parar bem antes de arrancar tudo o que de interessante tem em seus livros, posto que não é essa a intenção. Por fim, alguns textos foram extraídos de livros editados nos anos 30 e 40 do século passado (os únicos ao meu alcance), por isso muitas vezes as frases soam estranhamente... Seja esse mais um exercício para o leitor.

Quanto aos mini-retratos aqui apresentados, são também apenas uma provocação, uma sinalização para saber mais. Na realidade Stefan Zweig não era um biógrafo na plena acepção do termo – como o foi, por exemplo, seu contemporâneo Emil Ludwig. Os retratos que Stefan Zweig escolhia para elaborar tinham sempre algo do incomum, eram perfis que ressaltavam a contraponto histórica. A preferência era pelo anti-herói, pelo que foi sem ter sido, destacando principalmente o lado trágico do retratado ou do fato histórico.

Assim nasceu este volumezinho, que considero apenas um aperitivo, com intenção de dar algumas dicas para que os leitores se animem e procurem ler os livros de Stefan Zweig, seja dos anos 30/40, seja as novas reedições, para ampliar seu conhecimento sobre o mais brasileiro dos escritores estrangeiros.

Rio de Janeiro, novembro de 2006

Stefan Zweig, Brasil e o Holocausto

Izabela Maria Furtado Kestler
izabela@alternex.com.br

*"No mar, tanta tormenta e tanto dano,
tantas vezes a morte apercebida;
Na terra tanta guerra, tanto engano,
tanta necessidade aborrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano?
Onde terá segura a curta vida,
que não se arme e se indigne o céu sereno
Contra um bichoda-terra tão pequeno?"*¹

Luís de Camões, Os Lusíadas, Canto Primeiro, Estrofe 116

Stefan Zweig, com certeza não ficou sabendo antes de sua morte por suicídio a 22 de fevereiro de 1942 em Petrópolis, da dimensão do holocausto na Europa. Há registros, no entanto, de que ele estava informado sobre a perseguição sofrida pelos judeus e, sobretudo, sobre os pogroms ocorridos na Alemanha e na Áustria. Stefan Zweig, todavia, não se manifestou publicamente sobre o assunto. Tal silêncio se explica por duas razões principais.

A primeira delas está ligada à sua biografia. Zweig sempre foi um escritor cosmopolita, pacifista, um típico representante de uma mentalidade intelectual, cujas raízes estavam solidamente fincadas no idealismo alemão de um Goethe e de um Schiller. Mentalidade esta que, se por um lado era avessa ao debate político e à luta partidária, se caracterizava por outro lado pela defesa dos valores espirituais, não num sentido religioso, e sim num sentido humanístico de defesa dos valores da pessoa humana, de sua liberdade, independentemente de "raça" ou nação. Pode-se assim definir o idealismo alemão como o pendant literário-filosófico da Revolução Francesa.

E não é à toa que as aspirações humanistas do idealismo alemão tenham atraído tanto os escritores e intelectuais de língua alemã de origem judia, tornando-se uma espécie de Ersatz para a crença religiosa propriamente dita, ou seja, uma espécie de religião dos judeus alemães assimilados. É importante assinalar aqui que os ideais do idealismo alemão correspondiam às aspirações de emancipação e, sobretudo de assimilação à Alemanha por parte dos judeus. Um deles, por exemplo, o banqueiro e mecenas Hugo Simon, conhecido de Stefan Zweig da Alemanha, que também esteve exilado no Brasil, descreve em seu romance autobiográfico seu entusiasmo pelo idealismo alemão já a partir da adolescência:

"O conceito de internacionalismo nos fascinava. Não estar mais limitado a um só país, mesmo que este seja grande, mas sim ser cidadãos do mundo, assim como havíamos lido em Goethe, em Schiller e nos outros clássicos da literatura, e assim como procurávamos viver agora com o maior empenho, isto, sim é o que nos parecia ser o maior ideal da humanidade".

O próprio Stefan Zweig descreve de forma elegíaca e melancólica o mundo intelectual e espiritual em que vivia na Europa e também a perda irreparável deste mundo em sua obra autobiográfica O Mundo que eu vi. Este mundo intelectual de valorização humanística, de pregação dos ideais de fraternidade e de paz, que afinal de contas era tão ilusório quanto o paraíso vislumbrado por Zweig no Brasil, morreu definitivamente em 1933.

A segunda razão para o silêncio de Stefan Zweig está ligada às condições políticas e sociais do Brasil da época. A ditadura Vargas, que de um lado flertava com o nazismo assim como com o fascismo italiano e de outro cedia às pressões norte-americanas no sentido de cortar relações com a Alemanha, com a Itália e com o Japão, tinha uma política imigratória pautada pelo anti-semitismo, a qual permitia exceções de um modo geral apenas para "imigrantes" judeus "capitalistas" (ou seja, para aqueles que transferissem uma certa quantia de dinheiro para o Brasil) ou para artistas e intelectuais de conceito internacional. Enfim, tratava-se de uma política

imigratória que ignorava a tragédia dos judeus na Europa ocupada pelos nazistas, os quais na maior parte dos casos não pretendiam imigrar para o Brasil no sentido corrente do verbo imigrar e sim buscar refúgio seja lá onde fosse. Stefan Zweig só pôde se radicar no Brasil, porque seu caso preenchia a cláusula de escritor de renome internacional. Acostumado como era a viajar pelo mundo sem passaporte, sem ter que preencher declarações nem requerer vistos de entrada e saída, a condição de refugiado atormentava muito Stefan Zweig. Após a anexação da Áustria em 1938 ele se tomara um refugiado como outro qualquer.

Ainda ontem eu era um hóspede estrangeiro, um gentleman, que despende aqui suas rendas auferidas no exterior e paga seus impostos. Agora me tornei um emigrante, um 'refugee'!

Aliada a esta situação humilhante, do ponto de vista de Zweig, reinava no Brasil uma forte censura sobre todos os meios de comunicação e também uma grande apatia política. Nos meios intelectuais de esquerda no Rio de Janeiro, cujos membros em sua maioria ou simpatizavam com o comunismo ou pertenciam ao partido comunista, então na clandestinidade, havia grande desconfiança em relação à Stefan Zweig. A grande maioria destes intelectuais acreditava que seu livro Brasil, o país do futuro fora escrito por encomenda do Departamento de Imprensa e Propaganda da ditadura Vargas. Outros condenavam o livro por este não assinalar o progresso e o desenvolvimento ocorridos no país.

Durante toda a sua última estada no Rio de Janeiro, Zweig se viu cercado apenas por outros refugiados como ele, como por exemplo, Ernst Feder, Fortunat Strowski, Victor Wittkowski, ou por pseudo-intelectuais brasileiros, como Cláudio de Souza, presidente do PEN-Clube do Brasil na época. Uma das raras exceções, no caso dos brasileiros, é o editor de Zweig no Brasil Abrahão Koogan. Os grandes intelectuais brasileiros, como por exemplo, Carlos Drummond de Andrade, Gilberto Freyre e Jorge Amado, não mantiveram contato com Zweig nem procuraram conhecê-lo. Seu livro generoso e bem-intencionado para com o Brasil contribuiu assim para isolá-lo ainda mais em seus últimos meses de vida.

O isolamento, o ensimesmamento e o sentimento de perda irreparável de seu mundo acabaram por levá-lo ao suicídio. Em sua tragédia pessoal ele acabou por seguir o exemplo do protagonista de sua novela, escrita em 1922, Episode am Genfer See. Nesta novela, o protagonista, um prisioneiro de guerra russo, não suporta o isolamento e a saudade de sua pátria e termina por se suicidar afogando-se no lago de Genebra.

Stefan Zweig teve, no entanto, oportunidade de se manifestar publicamente contra o extermínio e a perseguição sofrida pelos judeus alguns dias antes de seu suicídio. Provavelmente por iniciativa de Hugo Simon, que na ocasião vivia em Barbacena, Stefan Zweig esteve lá visitando o escritor francês católico, também exilado, Georges Bernanos. Este lhe propôs que redigisse um manifesto para a imprensa denunciando os crimes perpetrados pelos nazistas contra os judeus. Bernanos, que tinha uma coluna semanal em O Jornal no Rio de Janeiro, era um monarquista católico, cujas idéias políticas beiravam o anti-semitismo, mas ele, no entanto, não queria se calar diante da tragédia que estava ocorrendo na Europa. A proposta de Bernanos, todavia parece não ter sido aceita por Zweig. Ele, um náufrago como todos os outros refugiados, preferiu afundar com seu mundo de ideais humanísticos.

[Originalmente publicado em: http://www.tau.ac.il/eial/III_2/kestler.htm]

Gratidão aos livros

Stefan Zweig

Ali estão eles, esperando silenciosos. Estão calados, encostados na parede. Parecem dormir, no entanto seus títulos parecem olhares que nos fitam. O olhar, as mãos passam por eles, mas eles não clamam suplicantes, não se anunciam. Nada exigem. Esperando até serem abertos, só então eles se oferecem. Primeiro: silêncio em torno de nós, silêncio dentro de nós. Estamos então preparados para eles.

Uma noite, ao voltarmos cansados de um passeio, uma tarde quando fatigados dos homens, uma manhã despertando atordoados por um pesadelo. Podemos ter um diálogo e, contudo, querer ficar sós. Aproximamos-nos da estante com o agradável pressentimento de uma doce sensação: cem olhos, cem nomes, nos olham, pacientes e mudos, à procura do olhar indagador – como escravas de um harém para o amo –, aguardando humildes o chamado e ainda felizes de serem úteis, se forem escolhidos.

Depois o dedo como que tateia sobre o teclado para encontrar o som da melodia que vibra intimamente: curva-se na mão o ser alvo e surdo, como violino guardado no qual dormem as vozes de Deus. Abrimos um deles, lemos uma linha, um verso. No momento, porém, não soa claro. Desiludidos, quase brutais, repomos o livro na estante. Nova busca, até que encontramos o exato, aquele próprio para o momento.

De repente somos abraçados, sentimos uma respiração estranha, como se ao lado, prostrado pelo calor, estivesse o corpo de uma mulher. E como o levamos para debaixo de uma lâmpada, o livro, o feliz escolhido, brilha por igual com luz interior. A magia se produz, da nuvem delicada dos sonhos ascende a fantasmagoria. As estradas se alargam e a distância acolhe os teus sentimentos apagados.

Em qualquer lugar bate um relógio. Este, porém, não urge nesse tempo que foge. As horas aqui passam de outro modo. Ali há livros que andaram muitos séculos antes que suas palavras chegassem aos nossos lábios. Ali estão outros, jovens, nascidos ontem, gerados na confusão e necessidade de moços imberbes: falam, porém, uma língua mágica.

E uns e outros agitam e aceleram a nossa respiração. Se nos irritam, também nos consolam; se nos enganam, acalmam ao mesmo tempo nossos sentidos abertos. E à medida que mergulhamos neles encontramos em sua melodia, calma e contemplação, abandonado enlevo, um mundo do outro lado do mundo.

Como agradecer a vós, livros, os mais fiéis e silenciosos dos companheiros, os momentos puros passados longe do tumulto dos dias? Como agradecer a constante solicitude, eterna elevação e a infinita calma da vossa presença? O que vos acontece nos dias sombrios de solidão, nos hospitais e campos de batalha, nas prisões e nos leitos de dor!

Sentinelas constantes em toda parte oferecestes sonhos aos homens e mãos cheias de calma na inquietação e no martírio! Podeis sempre, doces ímãs divinos, atrair as almas diariamente soterradas. Trazes em vós mesmos um céu íntimo que estendeis sobre nós, sempre nos momentos mais sombrios.

Pequenos átomos do incomensurável, ficais ocultos em nossas casas, enfileirados em uma singela parede. Todavia, a mão os liberta e se o coração vos toca, então saltais invisivelmente do lugar de todos os dias e vossas palavras nos elevam como numa carruagem de fogo, da estreiteza para a eternidade.

Stefan Zweig está de volta

Salomão Rovedo
rovedod10@gmail.com

Apesar de nunca ter sido totalmente relegado ao esquecimento, Stefan Zweig passou muito tempo sem ter sua obra reeditada de modo consistente. Em razão dessa descontinuidade era natural ficar fora das livrarias, dos suplementos culturais, das resenhas literárias. Para não dizer que foi enterrado e esquecido de vez, os seus livros, no entanto, sobrevivem em quase todos os sebos, principalmente em edições saídas na década de 40. Agora se pode dizer com certeza: Stefan zweig está de volta.

Se quisermos detectar o elemento detonante desse acontecimento, chegaremos, sem dúvida, à biografia escrita em 1981 por Alberto Dines. A importância de “Morte no paraíso” para a bibliografia sobre Stefan Zweig foi tão marcante que obrigou o seu autor a se manter em permanente atividade, coletando novos dados para uma nova edição. Com significativas inserções, muito aumentada, atualizada com informações inéditas sobre o escritor austríaco e editada pela Rocco em 2004, a nova edição de “Morte no paraíso” se transformou em best-seller. Na esteira das várias reimpressões em português, surge a boa notícia que a tradução para o alemão já foi lançada e corre Europa.

O livro de Alberto Dines serviu de base para duas realizações no cinema, ambas do diretor paranaense Silvio Back. Ademais disso tudo, a casa onde Stefan Zweig passou seus últimos dias – na Rua Gonçalves Dias nº 34, no bairro Duas Pontes em Petrópolis (Rio de Janeiro), para onde se mudou em 1941 – foi tombada e está sendo transformada no Espaço Cultural “Casa Stefan Zweig”, projeto que também é capitaneado pelo incansável Alberto Dines.

Quanto às suas obras, após algumas reedições promovidas pela Record (uma homenagem do editor Abraão Koogan a Stefan Zweig), começam a sair as edições de bolso da LP&M Pocket, inicialmente com “Brasil – Terra do futuro”, certamente depois sairão as novelas mais populares, com textos revisados, atualizados e mesmo traduzidos diretamente do alemão. Nada mais auspicioso: tanto a homenagem do primeiro editor de Zweig no Brasil, quanto as edições de bolso da LP&M fazem justiça ao escritor austríaco que passou para a história literária do Brasil como o primeiro best-seller estrangeiro em nossas terras.

As sucessivas e descontroladas reedições que a Editora Guanabara lançou nas livrarias durante as décadas de 1930 e 1940 deixaram espantado até mesmo o escritor, que juntou mais esse significativo detalhe ao seu estranho caso com nossa terra. Até hoje as várias explicações sobre esse *sentimento* entre Zweig e o Brasil se aglomeram com os milhares de textos sobre o escritor. Mas nenhum deles fixa de fato qual a raiz, a razão determinante, o anelo espiritual, o tipo de paixão, a magia que se incutiu na mente de Stefan Zweig, que o fez finalmente escolher o Brasil como sua última residência. Há indícios que a escolha foi pensada, coerente com seu desejo de harmonia e paz.

Haveria decerto o sentimento milenar que todo judeu carrega na alma, que é o chamado incontrolável ao êxodo, a vagar pelo mundo em aventuras, a errar de terra em terra e todos os demais elementos que alimentam a utopia da *terra prometida*. Stefan Zweig acompanhou de corpo presente, no nascedouro, a idéia do Estado Judeu Independente encetada por Theodor Herzl. Mesmo que em princípio Herzl predicasse a mudança de mala e cuia para a Palestina, haviam algumas perspectivas que direcionadas para a África (Uganda, então colônia inglesa, foi sugerida pelos britânicos). Depois, já em 1939, o próprio Zweig andou, em viagens que pretendia deixar em segredo, cortejando o Portugal de Salazar – tentando fazer decolar a idéia de fundar uma colônia judaica em Angola.

É totalmente possível que nesse mesmo ano de 1939 Stefan Zweig tenha dado uma *esticada* até o Brasil. Todos os sonhos precisam de esperança! Já na época o Brasil havia se tornado para ele a real e verdadeira *Ein Land der Zukunft* – Uma terra para o amanhã. Mas quem estava dirigindo esses países era, por um lado, o heteromórfico Oliveira Salazar, que pendia entre os interesses da Inglaterra, Alemanha e Portugal, impossível de ser cooptado. Por outro lado, o Brasil era governado pelo ainda ditador Getúlio Vargas, que se sustentava sem base democrática, herança de uma revolução por muitos considerada ilegal e que, ademais, recebia alguns afagos da Alemanha.

Zweig viu a idéia de Herzl prosperar entre os pobres, os perseguidos, entre aqueles que já não tinham nenhuma esperança. Mas viu também o amigo – que acolheu seus primeiros trabalhos literários – enfrentar a oposição dos banqueiros ricos, dos grupos que se opunham à idéia do semitismo, daqueles que tinham crença na vertente da *assimilação* e dos religiosos ortodoxos. Para estes dizia a tradição histórica que somente o Messias poderia conduzir o povo de Israel à Terra Prometida.

Mas parece que a idéia de Zweig sobre o Brasil não era somente direcionada nesse sentido. Quando em 1936 aceitou participar da reunião do Pen Club Internacional, em Buenos Aires, uma das razões foi a curiosidade e a vontade que ele tinha de conhecer o Brasil. De fato, nessa primeira viagem mais importante em sua biografia não foi o encontro de Buenos Aires e sim as visitas que ele fez ao Brasil. Mesmo rapidamente pôde conhecer São Paulo e Rio de Janeiro, algo do Nordeste também – o que desde logo deixava uma visão elástica da demografia brasileira.

Stefan Zweig – que já conhecia os EUA – pôde muito bem perceber como o Novo Mundo se apresentava em possibilidades para os judeus escorraçados da Alemanha e Austria, desde o *pogrom* inicialmente ocorrido no Leste Europeu, com raízes polacas e ucranianas, até chegar à política radical e agressiva do Nacional-Socialismo. Os EUA foram invadidos pelos judeus capitalistas que trataram de se concentrar em Nova York e os que viram na nascente Hollywood um eldorado da arte e da fama. Na Argentina encontrou uma Pequena Europa, uma réplica total do europeísmo, nova, mas muito branca e capaz de repetir os azedumes da discriminação.

Quando chegou ao Brasil, porém, deu-se a iluminação. Um clarão de novidade penetrou-lhe na alma. O povo acolhedor, o suor, a intimidade imediata que existia, o respeito ao estrangeiro, aquele sentir-se desde logo um local, um nativo. Tudo isso não só aumentou as esperanças de Zweig quanto ao Brasil, mas também confirmou os sentimentos, inicialmente teóricos, que tinha sobre essa estranha terra. E mais: aqui tudo estava cru, muita coisa ainda por fazer, um mundo por criar, o desconhecido por explorar. Era o paraíso, o Éden urbano, que a ele se anunciava em pleno processo de criação.

Foi assim, a partir dessa primeira viagem, encantado com a solução social e racial que no nosso país havia sido imposta – não por governos e sociólogos, mas pela própria população – que Stefan Zweig iniciou seu encantamento pelo Brasil. Ao conhecer essa mistura de sabores, raças, cores e sons jamais constatada em nenhuma parte do mundo, ao constatar que era verdadeiro aquele *sentimento* trazido na alma, não se sabe de onde, tudo isso deixou Stefan Zweig completamente enfeitiçado, fazendo alinhavar-se de corpo e alma com a terra brasileira.

Pois agora que as editoras nos prometem uma nova leitura das obras do primeiro best-seller estrangeiro no Brasil, podemos saudar com alegria:

– Bem vindo à sua terra Stefan Zweig!...

[publicado originalmente em: http://www.recantodasletras.com.br/autor_textos.php?id=3295]

PENSAMENTOS

Como sempre nas épocas do fanatismo universal, o homem bom acha-se impotente e inteiramente isolado entre os zelotes, que vivem em disputas. *Stefan Zweig*

É perigoso colocar-se ao lado dum homem que, enquanto os hereges são perseguidos e torturados, impavidamente eleva a sua palavra em prol destes indivíduos privados de seus direitos e reduzidos à condição de servos e contesta duma vez para sempre a todos os déspotas da terra o direito de perseguirem um ser humano por causa das idéias que este sustenta. *Stefan Zweig*

O poder leva à onipotência e a vitória ao abuso de si própria. *Stefan Zweig*

Toda idéia, seja qual for, desde a hora em que lança mão do terrorismo no intuito de uniformizar e regulamentar convicções estranhas, já não é mais ideal, mas sim brutalidade. *Stefan Zweig*

Mesmo a mais pura das verdades, quando imposta com violência a outros, torna-se pecado contra o espírito. *Stefan Zweig*

Em todos os tempos encontram-se espíritos independentes que diante de tal violência contra a liberdade humana se rebelam, os *conscientious objectors*, os que resolutamente se recusam escravizar a toda coação da consciência. *Stefan Zweig*

Nunca uma época pode ser tão bárbara e uma tirania tão sistemática que alguns não tenham sabido escapar à opressão e defender o direito a uma convicção pessoal. *Stefan Zweig*

Na vida quase sempre as sortes são diferentes, os que reconhecem os fatos não são os que agem e os que agem não são os que os reconhecem. *Stefan Zweig*

A história não tem prazo para fazer justiça. *Stefan Zweig*

Um amotinador das ruas nunca pode construir uma obra espiritual. *Stefan Zweig*

Todo movimento espiritual necessita de um homem genial que o inicie e de outro também genial que o termine. *Stefan Zweig*

Os indivíduos de uma época são sempre os que menos sabem sobre ela. Os momentos mais importantes passam despercebidos à sua atenção e quase nunca as horas verdadeiramente decisivas encontram em suas crônicas a devida atenção. *Stefan Zweig*

Toda ditadura é inconcebível e insustentável sem violência. Quem quer conservar o poder precisa ter nas mãos todos os meios para isso, quem quer ordenar deve também ambicionar ter nas mãos o direito de punir. *Stefan Zweig*

Sempre nos primeiros tempos de uma ditadura, enquanto as almas livres ainda não se acham amordaçadas e os independentes ainda não foram expulsos, a oposição tem certa força. *Stefan Zweig*

É quase obrigatório para a ascensão definitiva de um déspota, que ele inicialmente sobra uma dessas derrotas dramáticas. *Stefan Zweig*

Quase todos os heróis populares da História conseguiram no exílio seu maior poder sobre o sentimento dos homens de sua nação. *Stefan Zweig*

Não foi por casualidade que os livros sagrados chegaram até nós. De propósito Deus exprimiu sua tradição em palavras para que seus preceitos fossem nitidamente cognoscíveis e tomados em consideração pelos homens. *Stefan Zweig*

Uma tirania que nasceu de um movimento liberal é sempre mais dura e mais severa para com a idéia de liberdade do que todo poder herdado. Aqueles que devem seu poder a uma revolução, mais tarde serão sempre os mais severos e mais intolerantes para com toda inovação. *Stefan Zweig*

Todas as ditaduras começam com uma idéia. Mas toda idéia só chega a adquirir forma e cor no homem que a realiza. *Stefan Zweig*

Quem no sentido filosófico considera o homem como uma tão mal acabada obra de fãncaria feita por Deus, como teólogo e político naturalmente não conceberá que este haja outorgado a tal monstro a menor espécie de liberdade ou de autonomia. *Stefan Zweig*

Por toda parte em que um estado traz seus cidadãos no regime do terrorismo, floresce o vegetal repugnante da delação espontânea. O “zelo della paura”, o zelo do medo, faz crescer rapidamente o numero dos delatores. *Stefan Zweig*

É proibido, é proibido, é proibido: ritmo horrendo. *Stefan Zweig*

Um governo terrorista sempre consegue realizar milagres. *Stefan Zweig*

Quanto mais abrolhos se colocam a direita e a esquerda no caminho diário do homem, tanto mais difícil se torna para este andar livre e ereto. *Stefan Zweig*

Se num Estado todo cidadão deve esperar incessantemente ser vigiado, interrogado, investigado, condenado, origina-se um medo coletivo do qual por contágio até os mais corajosos são tomados. *Stefan Zweig*

Temer um ditador de modo nenhum quer dizer gostar dele. Portanto, quem aparentemente se submete ao terrorismo longe está de reconhecer o direito de ele existir. *Stefan Zweig*

Ao portador de uma idéia só se torna verdadeiramente perigoso o homem que se lhe opõe outra. *Stefan Zweig*

Por vezes a História escolhe entre os milhões e milhões de seres humanos uma figura única para nela plasticamente expor uma idéia filosófica. *Stefan Zweig*

Uma idéia viva nunca quer viver e morrer num só homem quer espaço, mundo e liberdade. Por isso em todo pensador sempre chega a hora em que a idéia dominante de sua vida vem para o exterior. *Stefan Zweig*

Entre inúmeros atos de perversidade só um é que faz despertar a consciência do mundo, que aparentemente está adormecido. *Stefan Zweig*

Sempre a natureza que tem sentimentos de humanidades, muito depressa se resigna e com isso facilita a ação aos que praticam a violência. *Stefan Zweig*

Em toda guerra espiritual os melhores combatentes não são os que fácil e impetuosamente iniciam um ataque, mas sim os que hesitam durante muito tempo, aqueles que intimamente amam a paz. *Stefan Zweig*

Só quando esgotaram todas as outras possibilidades de um entendimento e reconhecerem que é inevitável a luta, com tristeza e pesar, lançam-se na defesa, só porque não podem deixar de fazê-lo. *Stefan Zweig*

Na guerra a língua se torna uma barreira entre os povos, a pátria se torna uma prisão, o amor ao próximo um crime e devem os homens, cujas vidas se entrelaçam por amizade e simpatia, declararem-se inimigos. *Stefan Zweig*

Todos os sentimentos, exceto o do ódio, foram oficialmente vedados e interditos durante a guerra. Mas o pesar, que vive na parte mais profunda e inacessível da

alma, quem poderá afugentá-lo? E a recordação, quem poderá conter-lhe o fluxo sagrado que inunda o coração de cálidas ondas? *Stefan Zweig*

Um mundo insensato podia destruir-nos o presente, talvez ainda escurecer e enublar o futuro, porém o passado, este é intangível para quem quer que seja e os seus belos dias irradiam luzes brilhantes nas trevas. *Stefan Zweig*

A inimizade é uma aberração e o ódio uma modalidade insensata de sentir. *Stefan Zweig*

A obra de um autor consciencioso deve corporificar uma unidade e não apenas simulá-la pela pressão entre duas capas do livro. Só no caso especial em que uma personalidade, tão eminente que se sobreponha ao tempo, a união de apreciações íntimas e autônomas adquire certo direito. *Stefan Zweig*

Se o livro oferece realmente uma unidade espiritual, isto se dá unicamente pelo meu desejo de ser imparcial em todas as coisas, pela vontade inabalável de admirar sempre os povos, o tempo, as formas e as obras apenas no seu sentido positivo e criador. *Stefan Zweig*

Servir através de tal “querer compreender” e “fazer compreender”, humilde, porém fielmente, ao nosso indestrutível ideal: a mútua compreensão entre homens, pensamentos, culturas e nações. Eis o destino humano do livro. *Stefan Zweig*

A formação do meu caráter nunca veio do meu desejo, da perseverança, de minha vontade, mas sim da graça e do destino. *Stefan Zweig*

Uma face humana não pode ser conhecida quando vista apenas na primeira vez. Deve-se tê-la visto crescer da infância à idade adulta ou de novo repará-la na velhice. Sua formação, acompanhada pela arte, deve ser comparada linha a linha, passo a passo, na sua existência. *Stefan Zweig*

Em minhas novelas sempre me atrai o destino dos vencidos, as naturezas intensas e indomáveis. Nas biografias a figura de alguém que não se afirma no campo do sucesso real, mas apenas no moral: quanto pior a fama de alguém, mais ávido meu interesse em conhecê-lo. *Stefan Zweig*

Também o destino vez ou outra escolhe herói insignificante para mostrar que, de matéria frágil, sabe tirar o mais intenso patético e da alma fraca e indolente, a mais alta tragédia. *Stefan Zweig*

O grande crítico é raro. Além de tudo que é essencial em um artista ou em uma obra de arte, o crítico deve ter talento, sagacidade e fecundidade. Jamais deve ser

dominado, como o artista, pelo nervosismo da época, mas capaz de perceber a relatividade do momento e o absoluto dos valores. *Stefan Zweig*

No sentido da formação, o crítico de arte deve sempre ter presente o passado, devendo pressentir o porvir por uma mágica antevisão. Deve ser artista, mas não demasiado: apenas o suficiente para conhecer os segredos do ofício, a crise universal, o respeito à evolução, para que, modificando a sua esfera de ação, possa perceber as imitações em sua forma definitiva. *Stefan Zweig*

Entre os indivíduos de minha geração não sei me atribuir outra proeminência senão a de, como austríaco, como judeu, como escritor, como humanista e pacifista, estar sempre no lugar onde tais abalos se manifestaram com violência. Três vezes eles me derribaram a casa e a existência, me desligaram de todo o passado e, com sua veemência dramática, três vezes me arremessaram no vazio. *Stefan Zweig*

Toda sombra é, em última análise, filha da luz. E só quem conheceu a claridade e as trevas, a guerra e a paz, a ascensão e a queda, pode dizer que viveu de fato. *Stefan Zweig*

Nada assombra mais, nada é mais assustador, do que o fato de que aquilo que há muito tempo julgávamos estar morto e sepultado, se apresenta de repente diante de nós com a mesma forma e aspecto. *Stefan Zweig*

A razão primordial de ser do judaísmo, por sua existência enigmaticamente perene, é ter que repetir sempre a Deus a eterna pergunta de Jó, a fim de que ela não fique inteiramente esquecida. *Stefan Zweig*

Freud, como homem de sentimento humano, sempre se mostrou profundamente comovido com a violência, mas como pensador não se admirava da terrível irrupção da ferocidade. Sempre foi qualificado de pessimista, porque negava a preponderância da civilização sobre os instintos – de repente, diante da guerra, estava vendo confirmada, da maneira mais horrenda, a sua opinião. *Stefan Zweig*

O indivíduo perde a postura quando não tem sob os pés a sua terra, torna-se inseguro, desconfiado de si mesmo. Não hesito confessar que desde o dia em que tive de viver com documentos e passaporte estrangeiros, jamais consegui ser inteiramente o mesmo de outrora. Algo da identidade natural do meu eu primitivo e verdadeiro ficou destruído para sempre. *Stefan Zweig*

Quando imagino quanto formulário preenchi, quanto depoimento dei, quantas horas passei em ante-salas e gabinetes diante de autoridades e funcionários, a quantas revistas e interrogatórios fui submetido, sinto que se perdeu muito da

dignidade humana neste século que nós, quando moços, sonháramos ser o Século da Liberdade, a Era do Cosmopolitismo. *Stefan Zweig*

No exílio o indivíduo tem de sentir com a alma que nasceu livre, mas que seu destino não é nada e o favor das autoridades tudo: o cidadão é codificado, registrado, numerado, revistado, carimbado. Eu, como membro de uma república universal imaginária, sentia cada carimbo no meu passaporte como se fosse uma marca de ferrete, cada interrogatório e revista, como se fosse terrível humilhação.

Stefan Zweig

Muitas vezes eu, em minhas fantasias cosmopolitas, imaginara como deveria ser esplêndido não ter nacionalidade, não estar sujeito a nenhum país e pertencer a todos sem distinção. *Stefan Zweig*

O triunfo mais diabólico de Hitler, entre vitórias militares e políticas, foi conseguir, através do constante aumento da violência, embotar toda a noção de direito. Antes da sua *nova ordem*, executar um ser humano sem julgamento, ainda abalava a consciência do mundo, a tortura era coisa inconcebível e os confiscos eram qualificados, pura e simplesmente, de roubo. *Stefan Zweig*

Eu aprendi e escrevi História demais para ignorar que a grande multidão pende para o lado em que se acha o poder. *Stefan Zweig*

Estou convencido de que alguém pode se tornar um excelente filósofo, historiador, filólogo, jurista ou um erudito qualquer, sem haver cursado uma universidade.

Stefan Zweig

Todo o movimento na terra baseia-se essencialmente em duas invenções do espírito humano: o movimento no espaço pelo descobrimento da roda rolante em torno do eixo e o movimento espiritual pelo descobrimento da escrita. *Stefan Zweig*

Do mesmo modo que não percebemos que a cada respiração absorvemos oxigênio e nosso sangue adquire secreta refrigeração química, assim também mal observamos que recebemos matéria espiritual pelos olhos que lêem e com isso refrigeramos nosso organismo espiritual. *Stefan Zweig*

O dom ou a graça de pensar com amplitude, essa única e admirável arte de observar o mundo através de muitos planos, só é concedida a quem adquiriu além de seus conhecimentos, aqueles guardados nos livros. *Stefan Zweig*

Agradecemos uma grande parte de nossos impulsos, de nossos desejos de tudo perscrutar, essa melhor parte de nossa existência, todas essas sedes sagradas, ao sol dos livros, que nos força sempre a beber novos acontecimentos. *Stefan Zweig*

O tempo do livro está terminado, dizem: agora a tecnologia tem a palavra. Os aperfeiçoados e cômodos transmissores da palavra e do pensamento já começaram a desalojar o livro, cuja missão histórico-cultural logo pertencerá ao passado. Mas quão restritamente isso é olhado, quão mesquinhamente pensado. Pois, onde conseguiria a técnica uma maravilha que ao menos se equiparasse àquela dos milhares de anos de idade do livro! *Stefan Zweig*

Quanto mais intimamente se vive com livros, mais profundamente se vive a vida em sua totalidade. Pois sendo profundamente variados, o leitor, graças ao seu conteúdo magnífico, vê e penetra o mundo não só com os próprios olhos, mas também com o olhar da alma. *Stefan Zweig*

Certas palavras são verdadeiramente profundas uma única vez: quando pronunciadas entre quatro olhos, jorrando espontaneamente do tumulto inesperado da sensibilidade. *Stefan Zweig*

Eu, que levei toda uma existência a descrever os homens segundo suas obras e a objetivar a estrutura intelectual de seu universo, verifiquei, precisamente por meu exemplo pessoal, quão impenetrável permanece em cada destino o núcleo verdadeiro do ser, a célula plástica de onde emana todo crescimento. *Stefan Zweig*

Vivemos miríades de segundos e, contudo, nunca há mais de um, um só, que põe em ebulição todo o nosso mundo interior. O segundo em que a flor interna, já embebida de todos os sucos, realiza como um relâmpago sua cristalização – instante mágico, semelhante ao da procriação e, como esta, oculto no peito esquerdo do próprio corpo, invisível, intangível, imperceptível – mistério que só é vivido uma única vez. Nenhuma álgebra do espírito pode calculá-lo e até o instinto raramente pode se dar conta dele. *Stefan Zweig*

A natureza, sempre de acordo com a sua tarefa mística que é preservar o impulso inicial criador, dá à criança aversão e desprezo pelos gostos paternos. Ela não quer a herança cômoda e indolente, a simples transmissão e repetição de uma geração a outra. Sempre estabelece, inicialmente, um contraste entre as pessoas da mesma índole e somente após um penoso e fecundo rodeio, permite aos descendentes ingressarem na senda de seus avós. *Stefan Zweig*

Para poder ajudar os outros, é necessário ter somente o sentimento que os outros têm necessidade de você. *Stefan Zweig*

Quando se perde muito, luta-se como desesperado para salvar tudo o que restou. *Stefan Zweig*

O único direito que não pertence ao homem é não nascer como quer... *Stefan Zweig*

Nada se assemelha na terra ao amor ingênuo de uma criança recatada que brinca na sombra. Este amor assim exposto, desinteressado, humilde, atencioso e livre, nunca poderá ser comparado pelo amor exigente, feito de desejo e paixão, de uma mulher desabrochada. *Stefan Zweig*

O rosto de uma jovem moça, uma mulher, é necessariamente para um homem um objeto extremamente variável. Geralmente é apenas um espelho onde se reflete às vezes uma paixão, às vezes infantilidade, às vezes uma lassitude, que se desfaz tão facilmente como uma imagem de gelo. Assim, um homem pode esquecer mais facilmente o rosto de uma mulher entrevisto entre sombras e luz. *Stefan Zweig*

A moda nova embeleza e enquadra de modo diferente o olhar desinteressado, a maquiagem de luz, os sorrisos sutis. Aí resplendem as mulheres que conhecem a verdadeira ciência da vida. *Stefan Zweig*

Existe um santificado sentimento de viver a vida mais profunda e mais verdadeiramente no meio das coisas estrangeiras. *Stefan Zweig*

A maior parte das pessoas tem apenas uma imaginação embotada. Não as toca em cheio o cérebro diretamente a arte monótona da pesca. Nem o silêncio chega a comovê-las, o contrário, atinge-as como um grito agudo. *Stefan Zweig*

Tenho pessoalmente mais prazer em compreender os homens que julgá-los. *Stefan Zweig*

A verdade pela metade não vale nada. É necessária sempre inteira. *Stefan Zweig*

Viver perto de alguém que não prova mais nada, não se vive mais que pelos nervos, através da agitação passional dos outros, como no teatro ou na música. *Stefan Zweig*

Os que caem provocam frequentemente também a queda dos que precipitam em seu socorro. *Stefan Zweig*

Este homem possuía o poder mágico de exprimir os seus sentimentos através do movimento e do gesto. *Stefan Zweig*

Qualquer vida que não se dedique a um objetivo determinado é um erro. *Stefan Zweig*

O reconhecimento vê-se assim raramente se manifestar nas pessoas! *Stefan Zweig*

A gratidão torna feliz porque ela, com seu efeito, torna a experiência rara tangível.
Stefan Zweig

Algumas pessoas absolutamente estranhas à paixão sentem, em momentos completamente excepcionais, explosões bruscas de uma paixão semelhante a uma avalanche ou um furacão. Então, forças desconhecidas que jamais foram usadas se precipitam na profundidade do peito humano. *Stefan Zweig*

Esta maneira mágica de enganar-se a si mesmo é que chamamos a lembrança...
Stefan Zweig

Qualquer sofrimento é covarde: recua na frente da potência do querer – este alimento que está ancorado mais fortemente na nossa carne – mais do que toda a paixão da morte está no nosso espírito. *Stefan Zweig*

Envelhecer é, basicamente, não ter mais medo do passado. A idade entorpece de maneira estranha todos os sentimentos. *Stefan Zweig*

O monomaniaco de qualquer assunto, as pessoas que são possuídas por só uma idéia sempre, estes especialmente me intrigam, porque é mais um espírito que se limita e, além disso, jamais toca o infinito. *Stefan Zweig*

Chamar o fracasso de jogo, não é desde logo rotulá-lo injuriosamente? O fracasso não é também uma ciência, uma arte ou algo assim como o caixão de Maomé, suspenso entre o céu e a terra – mas que reúne um número incalculável de contrários? *Stefan Zweig*

O nada! – Não existe nenhuma coisa ao mundo oprima mais a alma humana.
Stefan Zweig

Mesmo aqueles que parecem tão desprovidos de solidez, os pensamentos também têm necessidade de um ponto de apoio ou então ficam girando sobre si mesmos, numa ronda louca. *Stefan Zweig*

O Jogo do Fracasso possui a notável propriedade não cansar o espírito, antes, pelo contrário, é bem capaz de aumentar a sua flexibilidade e a sua vivacidade.
Stefan Zweig

Qualquer descoberta, qualquer invenção não tem tanto valor, a não ser para aquele que o realiza, que o compreende em todo o seu significado, conhece toda

a sua força e eficácia. Porque nenhum ato é decisivo por si mesmo: o que conta, é o conhecimento do ato e as suas conseqüências. *Stefan Zweig*

Raramente a verdade recupera o terreno perdido sobre a lenda, esta eterna necessidade de fabricar heróis. *Stefan Zweig*

A história não tolera nenhum intruso, escolhe, ela própria, seus heróis e rejeita sem piedade aqueles que não elegeu. *Stefan Zweig*

Efetivamente, tal é o caráter estranho da natureza humana, que adaptar-se muito rapidamente por toda a parte e sentir-se, em qualquer desses lugares, vivendo uma existência efêmera, é como se fosse uma sorte. *Stefan Zweig*

O indivíduo continua mais forte que a idéia, mas é necessário apenas que permaneça ele mesmo, que não abdique da sua vontade própria. *Stefan Zweig*

Pode-se e deve-se pertencer ao seu povo, mas quando os povos ficam loucos, não se é obrigado a sê como eles. Podemos nos sacrificar para as nossas próprias idéias, mas não para a loucura dos outros. *Stefan Zweig*

Todos os que gastam com magnificência a riqueza na arte, que põem todos os sentimentos na beleza da música, na vida são sérios, contidos, quase invisíveis. Revelam-se aos únicos que podem compreender esta luz calma e melancólica, que não permite mais do que adivinhar, mas justamente reconhecê-los. *Stefan Zweig*

Não há nada mais pavoroso do que o estremecimento sentido por uma vida que, após ter avançado com coragem e ver a última colina a escalar, ser invadida de repente pelo medo de ter percorrido a estrada errada e sentir esgotadas todas as forças para dar os últimos passos. *Stefan Zweig*

Os milagres se produzem apenas nas almas daqueles que os esperam. *Stefan Zweig*

Era a falta de preocupar-se com os sinais, de procurá-los, em vez esperar que a sua hora chegue e que eles se revelem. *Stefan Zweig*

Todos os prodígios não tinham o seu reflexo na realidade e não se reencontrava em cada momento de uma vida nascente, o esplendor do inacessível e a impressão do que continuará para sempre incompreensível? *Stefan Zweig*

Qualquer espírito vem do sangue, qualquer pensamento vem da paixão, qualquer paixão do entusiasmo. *Stefan Zweig*

A pausa também faz parte da música. *Stefan Zweig*

Nada mais passional do que a veneração de um jovem, nada é mais tímido, mais feminino, que o seu inquieto pudor. *Stefan Zweig*

O que é passional se torna no máximo pedagogo: é necessário ir às coisas sempre, sempre partindo da paixão. *Stefan Zweig*

Sendo a própria beleza, a juventude não tem necessidade de serenidade: no excesso das suas forças vivas, deixa-se de boa vontade vampirizar pela melancolia. *Stefan Zweig*

Nada perturba mais fortemente, do que a realização súbita do seu mais ardente desejo. *Stefan Zweig*

Sinto-me maldito, similar a um paciente, a um inválido, porque, sendo totalmente diferente dos outros, tenho desejo de chorar e constatando que sou inferior, pior, mais inútil estou... *Stefan Zweig*

O bonito sonho das coisas incompletas é satisfazer-se sem desejar, dar sem ousar exigir e prometer sem pensar em doar. *Stefan Zweig*

O que podem recordar-se as mulheres, jovens e moças, das suas almas assoberbadas por milagres, cujos sonhos são similares às flores brancas, finas e delicadas, que murcham ao primeiro sopro da realidade? *Stefan Zweig*

A cada dia aprendo de novo que neste vasto mundo o dia e a noite não resultam unicamente do fluxo das horas, mas que há homens que são como o sol e se sobrepõem àqueles que nada são além de sombras... *Stefan Zweig*

O que é um juramento? Uma palavra sustentada pelo vento. Na vida de cada homem é a grandeza que o inspira. A única que permite preferir a vida ao sono, à morte e suporta todos os mistérios daquele que avança, ao invés de se manter inerte e sem desejos. *Stefan Zweig*

Nada é mais errado do que a idéia de que no poeta trabalha ininterruptamente a fantasia, de que ele inventa sem cessar acontecimentos e histórias, que vai extraindo de uma fonte inexaurível. *Stefan Zweig*

Não se deve acreditar sempre naquilo que se quer que seja a realidade. O ser humano, esse grão de poeira, já não entra em conta como vontade. *Stefan Zweig*

Na próxima guerra a atuação caberá unicamente às máquinas e os homens serão degradados, relegados a ser meramente uma peça de suas engrenagens. *Stefan Zweig*

A oposição individual a uma organização requer muito mais coragem do que o simples deixar-se arrastar, requer coragem individual, qualidade esta que se extinguiu nos tempos de progressiva organização e automação. *Stefan Zweig*

Quando se quer consertar uma engrenagem de relógio muito depressa, na maioria das vezes se danifica todo o maquinismo. *Stefan Zweig*

Nada enaltece tanto no jovem a formação do caráter que o fato de se ver colocado diante de uma tarefa que ele tem de realizar exclusivamente com iniciativa e força próprias. *Stefan Zweig*

Sempre se cai no irremediável engano de admitir que a natureza assinale as pessoas notáveis com uma expressão especial, de modo que ela impressione todos à primeira vista. *Stefan Zweig*

A alma sempre é influenciada por acasos mais inesperados – e justamente as mais insignificantes coisas muitas vezes aumentam ou diminuem a nossa coragem. *Stefan Zweig*

As coisas feitas pela metade e as meias referências dão sempre mal resultado. Todo mal neste mundo resulta do fato de se deixar as coisas pela metade. *Stefan Zweig*

Sim, é preciso ter sorte: ao maior pulha Deus presenteia durante o sono! *Stefan Zweig*

Quando alguém comete uma iniquidade contra outrem, o fato do autor descobrir ou presumir que a vítima alguma vez também agiu mal o consola misteriosamente: a consciência sempre se alivia quando é possível atribuir, a quem foi enganado, ao menos uma pequena culpa. *Stefan Zweig*

São sempre as qualidades que se contrastam, justamente as que geram a mais perfeita harmonia, desde que se completem bem e muitas vezes, o que em aparência é mais surpreendente, revela-se como o mais natural. *Stefan Zweig*

Incurável – isso é apenas uma idéia relativa, não absoluta. Para a medicina como ciência em evolução, casos incuráveis só há no momento, no espaço de nossa época, da nossa ciência, portanto, dentro da nossa limitada e acanhada perspectiva! *Stefan Zweig*

Quanta coisa nova, inesperada, fantástica, traz ao médico cada novo dia. Coisas que na véspera nem se podia imaginar! Onde falham os métodos, deve-se tentar descobrir um novo e onde a ciência não presta serviço, existe ainda o milagre – sim, verdadeiros milagres dão-se ainda hoje na medicina. *Stefan Zweig*

A medicina nada tem a ver com a moral: toda enfermidade é em si um ato anárquico, uma revolta contra a natureza, por isso se deve empregar contra ela todos os meios, todos! *Stefan Zweig*

O enfermo se coloca fora da lei, viola a ordem. Para restabelecer a ordem, para restabelecer ele mesmo, devemos, como em toda revolta, intervir sem consideração – devemos utilizar todos os meios de que podemos dispor, pois só com bondade e vontade nunca foi curada a humanidade, nem mesmo uma só pessoa. *Stefan Zweig*

Se um embuste cura, já não é mais um detestável embuste e sim um remédio de primeira categoria. *Stefan Zweig*

As pessoas pobres e de condição modesta, sempre se comovem quando vê que a desgraça não tem medo de atacar – às vezes terrivelmente – até mesmo os ricos. *Stefan Zweig*

Pela primeira vez comecei a compreender que neste mundo as maiores perversidades não são causadas pela maldade e pela brutalidade, mas sim quase sempre pela fraqueza. *Stefan Zweig*

A compaixão é uma perigosa arma de dois gumes: quem não sabe lidar com ela deve desistir de usá-la. Do mesmo modo que os nervos necessitam de cada vez mais de morfina, necessita o sentimento cada vez mais de compaixão. *Stefan Zweig*

Em todos os nossos atos, a vaidade representa um dos mais fortes estímulos. *Stefan Zweig*

Quem ama sem ser correspondido, às vezes consegue refrear a sua paixão. Mas quem é amado sem corresponder, está irremediavelmente perdido, pois grau e o limite dessa paixão não estão nele próprio, mas fora de seu alcance e toda vontade é impotente quando uma criatura ama outra. *Stefan Zweig*

Os instintos são sempre mais sábios do que os nossos pensamentos. *Stefan Zweig*

Que importância tem um único assassinio, um delito particular, pessoal, dentro dessa destruição e extermínio em massa das vidas humanas, da mais fulminante que a História conhece – a guerra? *Stefan Zweig*

Culpa alguma está esquecida, enquanto ainda pesa na consciência. *Stefan Zweig*

O gênio de um homem sempre constitui o seu mais íntimo perigo. *Stefan Zweig*

Há quem escreva livros, impelido pelo entusiasmo ou inspirado por um sentimento de gratidão, mas a paixão intelectual também pode ser inflamada pela amargura, pela ira ou pelo desgosto. *Stefan Zweig*

De todas as figuras e de todas as viagens, vim a admirar principalmente a façanha do homem que, a meu ver, realizou a maior proeza na história da exploração da Terra: Fernão de Magalhães. *Stefan Zweig*

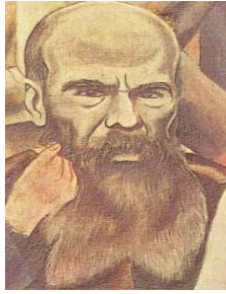
A independência não existe senão no indivíduo, no singular, já que não se deixa multiplicar pela massa, não cresce com os livros nem com a cultura. *Stefan Zweig*

A eterna tragédia do espírito que vive nas esferas da luz e da contemplação é que não consegue comunicar-se com a atmosfera espessa e pesada do seu tempo: o presente sempre permanece insensível e incompreensível quando, sobre ele, um sinal aparece no plano superior e faz bater as asas proféticas. *Stefan Zweig*

P E R F I S

AMÉRICO VESPÚCIO
 ARTHUR RIMBAUD
 ARTURO TOSCANINI
 CHARLES DICKENS
 DANTE ALIGHIERI
 EMILE VERHAEREN
 ERNEST RENAN
 FERNÃO DE MAGALHÃES
 FERRUCCIO BUSONI
 FIODOR DOSTOIEVSKI
 FRIEDRICH HÖLDERLIN
 FRIEDRICH NIETZSCHE
 GIACCOMO CASANOVA
 HEINRICH VON KLEIST
 HONORÉ DE BALZAC
 JOHANN WOLFGANG GOETHE
 JOSEPH FOUCHE
 LEON TOLSTOI
 MAXIMO GORKI
 RAINER MARIA RILKE
 SIGMUND FREUD
 STENDHAL
 THEODOR HERZL





DOSTOIEVSKI

Uma coisa se pode considerar como certa:

– Por sua sensualidade, Dostoevski excede toda a medida normal, não no sentido de Goethe, na sua afirmativa célebre, de que sentia em si o gérmen de todas as vergonhas e de todos os crimes.

O desenvolvimento gigantesco de Goethe é apenas um esforço único, inaudito, para eliminar os germens ameaçadores.

O habitante do Olimpo visa à harmonia, seu desejo supremo é a destruição de toda a antinomia, um sangue calmo, o equilíbrio tranqüilo das forças.

Refreia a sensualidade que está dentro de si.

Em respeito aos bons costumes, extirpa todas as sementes perigosas com o risco de empobrecer a sua arte.

E com essa supressão destrói uma grande parte do seu poder.

Dostoevski coloca a sua paixão nessa dualidade, como em tudo que a vida lhe concedeu.

Não aspira a harmonia, por isso que a mesma se lhe afigura a imobilidade.

Sua diversidade faz-nos ir de Deus ao Diabo com o universo de permeio.

Deseja o infinito da vida, mas a vida, na sua concepção, é a centelha elétrica entre dois pólos.

O gérmen que está dentro do seu ser, quer seja bom ou mau, favorável ou perigoso, deve brotar, transformar-se em flor ou fruto.

Permite que seus vícios se desenvolvam e aos seus instintos, mesmo criminosos, não opõe o menor freio.

Ama os próprios defeitos, a sua doença, o jogo, a sua maldade e, até mesmo, a volúpia, porque ela é uma metafísica da carne, um desejo de gozar até o infinito.

Goethe visa ao apolinismo antigo, Dostoievski ao “bacantismo”.

Quer ser um homem forte.

Sua moral não aspira ao classicismo, à regra, mas a intensidade.

Bem viver, em sua opinião, é viver fortemente, inteiramente, no bem e no mal, sob as mais violentas e embriagadoras formas.

Nunca Dostoievski procurou o método, mas a plenitude.

A vida de Tolstoi é um ensinamento, um panfleto e a de Dostoievski uma obra de arte, uma tragédia, um destino.

FIÓDOR DOSTOIEVSKI (1821-1881) Romancista russo. Educado pelo pai despótico e bruto, encontrou proteção e carinho na mãe. Foi estudar na Escola de Engenheiros de São Petersburgo, o que não impediu que Dostoievski se apaixonasse por literatura e começasse a desenvolver qualidades de escritor. Aos 18 anos soube da morte do pai, torturado e assassinado por camponeses. Esse fato quase o deixou louco, marcando-o com um trauma, por tê-lo desejado inconscientemente. Ao findar os estudos, decidiu ficar em São Petersburgo, onde sobrevivia fazendo traduções. Em 1846 ele publicou a novela “Pobres gentes”, que recebeu boas críticas e lhe valeu uma fama efêmera. As obras seguintes não tiveram nenhuma repercussão e Dostoievski voltou ao ostracismo. Em 1849 foi condenado à morte por colaboração com grupos liberais e revolucionários. Indultado momentos antes da execução, ficou quatro anos preso na Sibéria, experiência que relatou em “Recordações da casa dos mortos”.



V E S P Ú C I O

Em honra de que homem leva a América tal denominação?

A esta pergunta qualquer escolar responde prontamente e sem vacilações: de Américo Vespúcio.

Porém, uma segunda pergunta deixará os adultos um tanto titubeantes e inseguros.

E a pergunta é: por que se batizou esse continente exatamente com o nome de Américo Vespúcio?

Será porque Vespúcio o descobriu?

Não, não o descobriu!

Foi por acaso o primeiro a pisar, não as ilhas litorâneas e sim a terra firme?

Tampouco é esta a razão, porque não foi Vespúcio e sim Colombo e Sebastian Cabot os primeiros a tocar o continente.

Foi então, talvez, porque afirmou falsamente ter sido o primeiro a tocar em terras americanas?

Vespúcio jamais invocou semelhante privilégio.

Propôs acaso por vaidade ou como homem de ciência e cartógrafo, seu próprio nome para um continente?

Não, tampouco o fez em nenhum momento e é provável que em toda a sua vida jamais tivesse conhecimento daquela denominação.

Então, por que recaiu precisamente nele a distinção que conserva o seu nome para todo o sempre?

Como se explica que a América não se chame Colômbia?

A história de um homem que, por causa de uma viagem que nunca realizou nem afirmou jamais haver efetuado, alcança enorme glória de ver elevado o seu nome à designação do quarto continente de nossa Terra, é toda uma cadeia de casualidades, equívocos e enganos.

Um homem se faz famoso e praticamente não se sabe por quê.

Pode-se afirmar, conforme o gosto, que alcançou a fama com razão ou sem ela, por seus méritos ou por engano.

Porque a glória de Vespúcio não é, na verdade, uma glória e sim uma nevoa, já que não surgiu de uma proeza, porém da análise equivocada de que merecia o que havia feito.

O primeiro erro – ou o primeiro ato desta comédia – foi a inclusão de seu nome no título do livro *Paesi Ritrovati*, através do qual o mundo todo teve de acreditar que era Vespúcio e não Colombo quem havia descoberto aqueles países novos.

O segundo erro – o segundo ato – foi um erro de imprensa na edição latina: a palavra *Paria* no lugar de *Lariab*, em consequência do qual parecia se garantir a afirmação de que Vespúcio havia pisado em terra firme americana antes de Colombo.

O terceiro erro – o terceiro ato – consistiu no equívoco de um insignificante geógrafo provinciano, que, baseando-se nas trinta e duas páginas escritas por Vespúcio, propôs que se chamasse a América com o seu nome.

Até terminar esse terceiro ato, Américo Vespúcio aparece como o herói, o mesmo que numa cabal comédia de imitadores.

Domina a cena como um cavaleiro sem escudo, como caráter heróico.

No quarto ato se insinua pela primeira vez a suspeita contra ele e prontamente já não se tem a certeza se é um herói ou um salafatório.

O quinto e último ato, que transcorre em nosso século, tem que levar as coisas, de imediato, a uma culminância inesperada para que se desate o nó engenhosamente atado e ao final tudo se revolve plácida e definitivamente.

Pois é aqui que a História, por sorte, é um excelente dramaturgo que sabe encontrar, tanto para suas tragédias quanto para as comédias, um remate deslumbrante.

A partir do quarto ato sabemos que Américo Vespúcio não descobriu a América, que não foi o primeiro a pôr os pés em terra firme, que na verdade jamais realizou aquela primeira viagem que por muito tempo o consagrou como rival de Colombo.

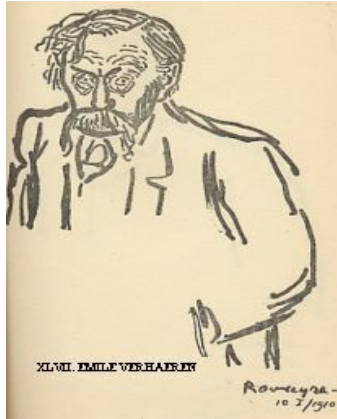
Porém, enquanto na mesa os sábios discutem, não sem alguma refrega, se Américo Vespúcio realizou ou não esta ou aquela outra viagem que relatou em seus livros, surge de imediato no cenário um homem que apresenta uma desconcertante tese:

– Nem mesmo as trinta e duas páginas atribuídas a Vespúcio foram escritas por ele e sim que esses relatos que comoveram o mundo não são senão compilações de textos alheios.

Essa tese, segundo a qual não cabia a Américo Vespúcio qualquer responsabilidade quanto aos escritos que circulavam com seu nome, produz imediatamente um efeito desconcertante.

Então, o que fica da grandeza de Américo Vespúcio, se nem sequer ele escreveu esses livros?

AMÉRICO VESPÚCIO (1451-1512) A crônica dos descobrimentos marítimos oferece uma série de episódios obscuros, sobre os quais a história ainda não pronunciou a última palavra. Um deles refere-se ao viajante que emprestou seu nome ao imenso continente alcançado por Colombo. Américo Vespúcio nasceu em Florença e dedicou-se à astronomia e cosmografia. Em 1491 estava em Sevilha, com Giannotto Berardi, fornecedor dos navios de Colombo. Em 1496, após a morte de Berardi, Vespúcio assumiu a firma e decidiu fazer viagens de exploração às Índias. O número de viagens que Vespúcio fez à América – se realmente as fez – é uma polêmica histórica. Vespúcio morreu em Sevilha.



VERHAEREN

No terceiro ano da guerra (I Grande Guerra), com milhares de outros, tombou Emile Verhaeren, despedaçado pelas máquinas cuja beleza tinha cantado qual um segundo Orfeu, vitimado pelas Mênades.

Esta gratidão é só dirigida àquele Mestre da Vida que deu a minha juventude o verdadeiro cunho do valor humano; àquele que me provava com cada hora da sua vida o ensinamento que só um homem completo pode ser um grande poeta; àquele cujo entusiasmo pela arte era alimentado por inabalável fé na pureza do artista.

Ele conhecia o reverso do elogio e a falsa amizade, mas continuava decidido a não se amargar com as experiências e, intencionalmente, solidificava e reforçava sua confiança.

Amava a Europa e o mundo acima de sua pátria e queria o futuro mais que o passado, porque nele havia ainda novas possibilidades, novas modalidades imperceptíveis de êxtase e de entusiasmo.

E sem temer a morte amava infinitamente a vida porque era cheia de muitas surpresas diárias.

Compreendíamos aquele seu ensinamento: "*Toute la vie est dans l'essor*".

O trabalho era para ele o que é para muita gente a ginástica matinal e o esporte: um aperfeiçoamento, um tônico, um meio de, pelo calor do entusiasmo, movimentar sua personalidade espiritual, necessitada de enlevo e exaltação.

Mesmo nos seus livros sobre guerras, em meio dos gritos convulsos de dor, sua poesia resplandece como flor em cratera de sentimentos vulcânicos, mistura-se com os sofrimentos das crianças e traduz tragicamente o espetáculo da guerra como visto de um aeroplano...

A poesia, de simples paixão pessoal, tornou-se nos últimos anos um apostolado. Sentiu no lirismo de suas palavras que era o mensageiro do tempo, que algo tinha a anunciar para glória do seu povo.

Nunca permiti, nem a outros, juiz ou censor, gracejar sobre aquele que fora meu mestre e cuja dor, nas suas manifestações mais selvagens e repulsivas, deve ser respeitada como justa e sincera.

Outros dias vieram e mais outros.

Um amigo irrompe no quarto, o jornal ainda umedecido na mão, mostra-me com o indicador um telegrama: ele havia morrido despedaçado por uma locomotiva.

Alguma coisa em mim impediu que me despedisse daquele que vive em mim como exemplo dentro do sangue da minha existência, de minha religião terrestre.

Quanto mais me repito que ele morreu, tanto mais sinto quanto dele vive e respira em mim.

E justamente estas palavras que escrevo a fim de me despedir dele para sempre, fizeram-no reviver em mim de novo.

Porque somente o conhecimento das grandes perdas mostra o verdadeiro valor do passado.

E somente os mortos inesquecíveis estão vivos para nós!

EMILE VERHAEREN (1855-1916) Poeta belga de língua francesa, admirado por Stefan Zweig, que traduziu sua poesia para o alemão. Exerceu grande influência na poesia do começo do século XX. Após publicar os primeiros poemas, de influência parnasiana, Verhaeren sofreu uma crise moral e religiosa que o levou a escrever as primeiras obras notáveis. Esta etapa, caracterizada pela busca de uma poesia visionária, conduz a um terceiro período, no qual emerge a síntese entre o tema da decadência do mundo rural e a violenta ascensão do industrial. Verhaeren morreu atropelado por um trem na estação de Rouan.



R I L K E

Somente a música poderia expressar perfeitamente a despedida daquele que ora choramos: Rainer Maria Rilke. Pois só nele, dentre nós, a palavra já era música completa.

Poeta era Rainer Maria Rilke e a ele coube bem esta palavra antiga e sagrada, de tanta importância e pretensão, a que nosso tempo duvidoso confunde levemente com a idéia inferior e incerta de um autor qualquer.

Poeta Rainer Maria Rilke, repetimos, era-o no sentido puro e perfeito – como Hölderlin o chamava “o discípulo dos deuses, divino, puro, suave, abençoado e piedoso, não somente devido à sua graça de espírito elevado, mas também à pureza íntima de sua vida nobre”.

Cada um de nós guarda inconscientemente no coração qualquer verso ou palavra de Rainer Maria Rilke, um hálito de música daquele que não mais respira e fala, mas que perdurará mais do que a nossa insignificante existência.

Rilke empreendeu realizar com cruel verdade o isolamento e a trágica redenção de cada coisa avulsa da vida.

Para isso ele expulsou o seu próprio linguajar como algo imprestável, para inventar outro, um novo.

Saiu com audácia do elemento vencido da música para o território ainda não desvendado da plástica moderna.

Educou espartanamente a sua melodia e repeliu, antes de tudo, a si próprio da sua poesia, a sua própria presença, a sua simpatia, por assim dizer, para não se estorvar com o próprio hálito, atendendo ao monólogo sagrado que cada ente no Universo profere.

Silenciosamente tal como entrou em cada recinto, tal como passou por nosso tempo, caladamente se desprende de nós. Estava doente e ninguém o sabia. Morreu e ninguém o adivinhou.

Também o segredo do seu sofrimento, doença e morte, ele ocultou dentro de si, para formar esta última obra de há muito preparada: sua própria morte.

Diante de um acontecimento tão majestoso e raro, o próprio luto se torna humildade e pranto – e termina em gratidão.

Assim, não queremos pranteá-lo, mas sim glorificá-lo do meio da nossa tristeza.

E como no túmulo aberto onde três vezes se joga o torrão da terra para a última despedida, assim se incline três vezes o torrão da palavra sobre ele.

Grande veneração a ti Rainer Maria Rilke, pelo passado que te viu crescer, pela humildade e paciência do começo espinhoso até a grande perfeição – um exemplo para cada juventude e um símbolo para cada artista futuro!

Grande veneração a ti Rainer Maria Rilke, a ti que mostraste o estranho, o raro e o necessário, a ti que mostraste de novo a figura do poeta como uma unidade e pureza sagrada!

Grande veneração a ti Rainer Maria Rilke, pedreiro piedoso da catedral da linguagem eterna, por teu amor ao inatingível.

Grande veneração a ti Rainer Maria Rilke, por teus versos e obras, enquanto durar a língua alemã.

RAINER MARIA RILKE (1875-1926) Poeta tcheco. Uma das maiores expressões da poesia, ao lado de Paul Valéry e T. S. Eliot. Estudou em Praga, Munique e Berlim, mas preferia viajar pela Europa à custa de admiradores (principalmente mulheres). Conheceu Lou Andreas-Salomé, de quem se tornou amante. Teve um breve casamento com a escultora Clara Westhoff e depois foi para Paris ser secretário de Rodin, que o ensinou a contemplação da obra de arte e a fazer uma poesia tecnicamente acabada, como a escultura. Em Duino, morou com a princesa Maria von Thurn, lá começou a escrever a Elegia que leva esse nome. Nas obras Elegia de Duino e Soneto a Orfeu, há muitas referências aos conceitos existencialistas de Kierkegaard.



T O S C A N I N I

Toda tentativa de subtrair a figura de Arturo Toscanini ao efêmero elemento da revelação musical e de eternizá-lo na matéria durável da palavra escrita, será involuntariamente mais que simples biografia de um regente de orquestra. Quem procurar realçar a obra de Toscanini como a de um gênio da música e o seu mágico efeito sobre o ser humano, consagra-se antes do mais a uma tarefa moral.

Porque Toscanini encarna a mais completa expressão de sinceridade do mundo atual, encarna a realidade imanente da obra de arte com tão fanática fidelidade, com tão inflexível rigor e, simultaneamente, com tal humildade, como hoje só é dado admirar em outras esferas da criação.

Ele nos transmite sem vaidade, sem fantasias e sem caprichos a mais elevada vontade dos mestres a quem ama, consubstancia-a em dons terrenos com o poder de mediação do sacerdote e com a resignação do crente, com a força de disciplina de mestre e com o infatigável respeito de um eterno discípulo.

O estupendo triunfo individual transcende do campo musical e se torna uma vitória sobrenatural do anseio de criar sobre a força da gravidade da matéria a afirmação vitoriosa de que, mesmo em tempos incertos e confusos, o homem pode sempre realizar criações maravilhosas.

Constitui benefício e prazer intelectual ver uma pessoa no trabalho, a qual, pela força de sua aparição, obriga novamente a lembrar que a arte é um sofrimento sagrado, uma tarefa apostólica, no divino inatingível do nosso mundo. Não é dádiva do acaso, porém graça merecida, não é prazer suave, mas também necessidade criadora.

E nada nos faz mais respeitosos diante deste representante da fidelidade do que o seu êxito, mesmo em época tão profundamente intranquã e incrédula como a nossa, porque ele ensina novamente o respeito às mais sagradas obras e valores do tempo. (1935)

ARTURO TOSCANINI (Itália 1867-USA 1957) Maestro de orquestras sinfônicas Toscanini regia sempre sem partitura. Esteve no Rio de Janeiro em 1886, quando subiu ao palco e dirigiu todo o concerto de memória. Toscanini exigia absoluta precisão e fidelidade à partitura. Após dirigir óperas, se dedicou à música sinfônica e à música contemporânea. Trabalhou com Duke Ellington na suíte "Harlem", para orquestra sinfônica e banda de jazz. Encerrou a carreira em 1954, quando a memória o abandonou durante um concerto.



THEODOR HERZL

Esta recordação fala de um escritor outrora célebre e hoje completamente esquecido, cuja figura desapareceu inteiramente sob a sombra do vulto do extraordinário sionista.

Theodor Herzl era o primeiro folhetinista da Neue Freie Presse, que encantava os leitores com o seu leve acento de melancolia e que brilhava pela profundidade sentimental e o tom cristalino de seus artigos.

Em sua frase a leveza parecia o profundo e o profundo sabia ele apresentar de modo mais agradável e compreensível, não só com ceticismo irônico, mas, também, com a finura de seus aforismos, mostrava o quanto aprendera em Paris do seu querido Anatole France.

Era um homem, além disso, de rara beleza, de modos afáveis, espirituoso.

Em resumo, nenhum escritor foi, no fim do século [19], mais apreciado, mais célebre, mais festejado do que ele.

Este conceito recebeu, de súbito, um golpe violento.

Porque justamente antes de findar a centúria, começou a correr a notícia que aquele “causer” elegante, nobre e espiritual escrevera, inopinadamente, um tratado abstruso, no qual se pretendia nada mais, nada menos, que os judeus se mudassem com armas e bagagens para a Palestina e que lá fundassem uma Nação.

Foi por gratidão para com o homem que me interessei pela idéia que mais o absorvia. Comecei a acompanhar o movimento sionista, fui aqui e acolá, como ouvinte das pequenas assembléias, cuja maior parte se realizava nas adegas subterrâneas dos cafés.

Mas uma verdadeira ligação minha com o sionismo não se sucedeu.

Deixavam-me desinteressado os estudantes, para os quais o direito à uma resposta parecia ser o fundamento do judaísmo.

As noites de discussão semeavam desarmonia e desânimo, pelo inimaginável desrespeito com que os primeiros discípulos tratavam Theodor Herzl.

A doença que o obrigara a se curvar outrora, derribara-o inesperadamente.

E só no cemitério pude acompanhá-lo, depois de vinte e cinco anos.

Foi um dia extraordinário, um dia inesquecível para todos aqueles que o assistiam.

Porque, de súbito, chegaram às estações da cidade, em trens diurnos e noturnos, homens e mulheres de todos os países, judeus do Oeste e do Este, russos, turcos, das províncias, das pequenas cidades, surgiram inesperadamente com o pavor da notícia estampado no rosto.

Ali tombara o guia de um grandioso movimento.

Foi uma procissão sem fim.

De repente todos notaram que não morrera apenas um folhetinista, um escritor ou um poeta medíocre, porém uma das imagens da Idéia, uma daquelas figuras que num país, num povo, só em intervalos imensos se erguem triunfalmente. (1929)

THEODOR HERZL (1860-1904) Pai do sionismo político. Estudou Direito em Viena, mas não pôde exercer a advocacia por ser judeu. Mudou-se para Paris onde escreveu em jornais. Ao ver a maneira como a democracia francesa reagiu ao “Caso Dreyfus”, refletiu sobre o fenômeno do anti-judaísmo. A marginalização e perseguição eram obstáculos à *integração*. Daí nasceu a idéia do Estado Judeu independente. Não vendo perspectivas na América do Sul, nem na África, Herzl optou por promover o regresso ao solo histórico da Palestina. A idéia prosperou entre pobres e perseguidos, mas enfrentou oposição dos ricos, dos anti-semitas, dos partidários da *assimilação* e dos religiosos ortodoxos, para quem só o Messias poderia conduzir o povo de Israel à Terra Prometida. Herzl morreu aos 44 anos, vencido pelo isolamento e pela incompreensão, porém pôs em marcha um movimento político fundamental para a criação do Estado de Israel em 1948.



G O E T H E

Com o primeiro escrito começa a produção lírica de Goethe, que só termina ao exalar o último suspiro.

A poesia para ele é tão indispensável e essencial para sua eterna interpretação da vida, como o é para a planta o crescimento e para a luz o esplendor.

Isso é nele orgânico, uma função do elemento goethiano e quase não se ousa chamar de obrigação, porque o ato já demonstra a vontade.

Mas, mesmo assim, nessa natureza em que a ação é indispensável, a reação poética aflui contra a eclosão do sentimento, realizando-se quimicamente e pelo sangue.

A transição da prosa para a rima poética se faz com a maior simplicidade: tanto em meio de uma carta como no drama ou no trecho da novela, desliza a prosa para a forma livre desse mais elevado objetivo.

Transborda então de ardor, o sentimento ultrapassa seus próprios limites.

É quase impossível que na dimensão de sua existência se encontre um acontecimento vulgar, sem poesia e lirismo.

Assim como a poesia de Goethe vem espontaneamente, assim também todo acontecimento veste a túnica dourada da poesia.

JOHANN WOLFGANG VON GOETHE (1749-1832) Poeta, romancista, dramaturgo alemão, autor da obra-prima Fausto. Filho de um conselheiro imperial e da filha do burgomestre, passou a sua infância em Frankfurt. Aceitou o convite do grão-duque de Weimar e foi nomeado conselheiro. Assistiu a Batalha de Valmy e a descreveu no livro "A Campanha da França". Sem negligenciar a literatura, fez análises das teorias newtonianas, contestou funções matemáticas e criou o termo morfologia. Dedicou-se ao estudo da geologia, das cores, da biologia e da botânica. Interessou-se por alquimia, anatomia, antiguidades e matemática. Morreu universalmente famoso, muito popular e considerado o mais genial escritor alemão.



DANTE

Sua hora sempre existiu e, contudo, nunca soou uníssona com as horas do mundo.

Já faz muitos séculos, seguidas gerações, glorificam respeitosamente o seu nome e alçam os olhos para a catedral pétrea de sua poesia, todos, porém, como se vindos da profundidade para as alturas, para o incompreensível, o inacreditável.

Após sua morte ele se tornou um nome, uma glória, uma lenda.

Outros, porém, têm o caminho mais suave e mais alegria no mundo.

Petrarca cunha o metal da língua, que ele espalhou, nas pequenas moedas dos sonetos e esparge-os na terra romana, permutando amor e paixão de muitos amantes.

Ariosto e Tasso, felizes herdeiros, colhem onde ele arou na escuridão. Ele volta-se para Deus, porém esses outros têm o amor dos homens.

Ele permanece só, como um bloco errático através dos tempos: debalde buscam os críticos e intelectuais, nas linhas de suas concepções, trazê-lo ao alcance dos olhos comuns.

Ele, não obstante, permaneceu demasiado alto quando o sentimento do povo experimentou conhecê-lo em cheio. Jamais desceu completamente aos dias terrenos, jamais confiou *in totum* os seus segredos.

Dante, o poeta, surge sempre maior nas gerações cada vez menores que se projetam.

DANTE ALIGHIERI (1265-1321) Pode-se encontrar muita informação biográfica nas obras de Dante. Em *La Vita Nuova*, Dante fala do amor platônico por Beatriz, amigos desde os nove anos. Naqueles tempos de casamentos combinados, aos 12 anos Dante já era noivo. Beatriz, prometida, se casou com um banqueiro, mas Dante e Beatriz jamais deixaram de se amar. Como era costume, Dante se casou com outra. Pouco tempo depois, Beatriz morreu repentinamente. Dante ficou inconsolável. Esse acontecimento provocou uma mudança radical na sua vida, levando-o a estudar a filosofia de Aristóteles e a se dedicar inteiramente à arte poética.



R E N A N

Durante alguns anos esse espírito livre e humano governou incontestavelmente com a força alegre da sua palavra perfeita a juventude da França e a intelectualidade da Europa.

Renan não anunciou um dogma nem combateu contra nenhum, sua natureza equilibrada e compreensiva esclareceu as diferenças das línguas e das culturas, não por causa de suas divergências e sim para mostrar a unidade eterna do espírito, que atravessa todas as formas como um Deus invisível e que cada nação e cada tempo se forma conforme sua própria imaginação.

Ele não acredita em nenhuma vitória, em nenhum sucesso, em nenhum dogma e em nenhuma filosofia e, no entanto era, no íntimo de sua alma, um homem crente.

Ele era um idealista sem ilusões, um romântico que se defendia contra tudo que não fosse claro: essa era sua maior grandeza.

Onde ele achava uma construção espiritual, uma escritura bíblica, uma doutrina, uma crença, sua faculdade intelectual e filológica decompunha e separava todas as costuras.

Seu amor à verdade esfarrapou cada remendo e nada o atormentou mais do que a eterna exterioridade de cada crença.

Ele sempre se separou, enquanto seu sentimento anelava se unir.

Sempre ficou de fora de cada religião, amando todas, perto de todas, enquanto demonstrava as debilidades e as insuficiências de cada uma.

Seu ideal, por isso, nunca achou uma forma rígida, sua crença nunca encontrou um símbolo. Toda sua vida encontrava-se no templo do Deus desconhecido.

ERNEST RENAN (1823-1892) Escritor francês. Estudou teologia e recebeu as ordens menores, mas renunciou ao sacerdócio. Em 1847 obteve o prêmio Volney por seu “Ensaio histórico e teórico sobre as línguas semíticas”. A revolução de 1848 produziu nele uma grande impressão, das quais resultou o livro “O porvir da ciência”. Em 1860 viajou para a Síria em missão arqueológica e no ano seguinte, voltou à França com o manuscrito da Vida de Jesus, primeiro volume da “História das origens do cristianismo” (7 vols.), em que oferece uma leitura do Novo Testamento expurgada de toda referência ao sobrenatural e uma visão de Jesus como «um homem incomparável» que suscitou protestos de toda natureza.



STENDHAL

Stendhal de um salto passou por cima do século 19.

Partindo do século 18, do grosseiro materialismo de Diderot e de Voltaire, cai em nossa época, em nossos tempos da Psicanálise, da Ciência e da Física.

Foram necessárias duas gerações – como disse Nietzsche – para que se pudessem compreender alguns dos enigmas que ele sentia.

É assombroso como envelheceu muito pouco a sua obra.

Grande parte de suas profecias e descobrimentos estão se realizando sob os nossos olhos.

Deslocado relativamente dos contemporâneos acaba por, num vôo, passar por sobre todos eles, se excetuarmos Balzac, pois ambos são antípodas no mundo da Arte e ambos se elevaram acima do seu tempo.

– Balzac, por aumentar monstruosamente o poder do ouro e o mecanismo da política – Stendhal, por analisar, com a mais sutil penetração, o matiz dos indivíduos.

Balzac nos apresenta a futura evolução da sociedade e Stendhal a da moderna psicologia.

A visão de ambos sentiu perfeitamente a sociedade e o indivíduo atuais.

A intuição de um adivinhou o mundo de hoje, a de outro o homem moderno.

Todos atualmente somos personagens de Stendhal, acostumados à auto-observação, orientados em psicologia, ansiosos em conhecermos nosso íntimo, movimentando-nos livremente na esfera da moral, cansados de teorias álgidas e rígidas, sequiosos de conhecimentos que interessem a nossa personalidade.

Para nós, não é mais um monstro o homem diferente dos demais, não é nenhum fenômeno estranho, como no tempo de Stendhal, pois a nova psicologia e a psicanálise nos fornecem o instrumental necessário para esquadrihar e desenredar o íntimo e o intrincado da alma.

São imensos os caminhos e os atalhos que Stendhal abriu para os sucessores.

Em sua geração ninguém, tirante Balzac, o único que lhe era como irmão, é tão contemporâneo nosso em sentimento e espírito.

Através da frieza do papel sentimo-lo respirar junto de nós e sua figura nos parece familiar, insondável, é certo, oscilante entre contradições, brilhante de mistério, plasmando o mais secreto, completo em si mesmo, mas, sobretudo, vivo e vivíssimo, pois justamente os mais distantes de sua época são aqueles que a época vindoura acolhe gostosamente como verdadeiros contemporâneos.

As mais ternas vibrações da alma são as que, no tempo, atingem a maior distância.

STENDHAL [MARIE HENRI BEYLE] (1783-1842) Romancista francês, republicano convicto, se entusiasmou com a execução do Rei e comemorou a prisão de seu pai. Como ajudante do general Michaud foi para a Itália, que adotou como sua terra. Deixou o exército em 1801, passou a circular nos salões e começou a cultivar a literatura. Em precária situação econômica, foi indicado a um posto militar em Brunswick. Admirador de Napoleão, exerceu cargos oficiais e participou de campanhas imperiais. Com a queda do corso, se exilou em Milão. Em 1817 publicou um ensaio original, onde mescla crítica com recordações pessoais. Nele Beyle usou pela primeira vez o pseudônimo de Stendhal. Escreveu artigos para revistas literárias e em 1822 publicou "Sobre o amor", ensaio baseado em experiências pessoais, que expressava idéias avançadas para a época. "Sobre o amor", proclama a teoria da «cristalização», processo pelo qual o espírito, adaptando a realidade à sua ambição, cobre de perfeições o objeto do desejo. Mas a obra que o deixou mesmo famoso foi "O vermelho e o negro".



F R E U D

Sonhamos, quando meninos, encontrar um desses heróis espirituais que nos poderia formar e elevar – um homem indiferente a todas as seduções da fama e da vaidade...

Entregue somente à sua missão.

Esse sonho entusiástico de nossa juventude, esse postulado cada vez mais severo de nossa vida adulta, Freud o personificou de maneira inesquecível...

Ei-lo numa época vaidosa e fútil: o homem firme, o verdadeiro inquiridor da verdade, a quem nada neste mundo importava senão o absoluto, o eternamente verdadeiro.

Por seu intermédio, mais uma vez o tempo demonstrou que não há coragem mais magnífica na Terra do que a coragem livre e independente do intelectual.

Eu conhecera Freud, esse grande espírito, esse espírito austero, que como nenhum outro em nossa época aprofundou e dilatou os conhecimentos a cerca da alma humana, em Viena, ainda nos tempos em que lá era considerado um extravagante teimoso e meticuloso e era hostilizado.

Fanático pela verdade, mas ao mesmo tempo perfeitamente consciente de que toda verdade é limitada, ele me disse uma vez:

“Tampouco existe uma verdade a 100%, tanto quanto existe álcool a 100%”.

Vi nele um cientista modelar que realizava o ideal de um jovem, um cientista cauteloso em toda afirmação enquanto não tinha a última prova e a certeza absoluta.

Não era possível imaginar uma pessoa que tivesse mais intrepidez espiritual do que ele.

Freud tinha sempre coragem de dizer o que pensava, mesmo quando sabia que com esse falar claro e inexorável causava intranquilidade e perturbação.

Ele, aos 83 anos escrevia todos os dias com a mesma letra arredondada e clara, lúcido de espírito e infatigável como nos seus melhores dias.

Sua vontade forte vencera tudo, a doença, a idade, o exílio.

A bondade de seu caráter, que durante os longos anos de luta esteve represada, jorrava livremente então pela primeira vez.

Uma conversa com Freud sempre constituía para mim um dos maiores prazeres espirituais.

Pela primeira vez vi o verdadeiro sábio, o indivíduo que se elevou acima de si mesmo, que já não sente nem a dor nem a morte como um fato individual.

Sua morte foi uma grande ação moral, não menor do que a sua vida.

SIGMUND FREUD (1856-1939) O criador da psicanálise nasceu na Moravia, então parte do Império Austro-Húngaro. Em Viena ele estudou Medicina na Universidade de Viena. Com o médico Joseph Breuer ele publicou em 1895 o "Estudo sobre Histeria". O livro descreve a teoria das emoções reprimidas e os sintomas da histeria. A partir daí Freud desenvolveu a base da teoria psicanalítica: a livre associação. O paciente é provocado a falar para revelar as memórias reprimidas, causadoras de neuroses. Em 1899 publicou "A interpretação dos sonhos", em que mostra os sonhos como *a estrada para o inconsciente*, a camada mais profunda da mente humana, mundo íntimo que se oculta no interior de cada indivíduo, comandando o comportamento, a despeito das convicções conscientes. Sensibilizado pela Primeira Guerra Mundial e pela morte da filha Sophie, Freud teorizou sobre a luta constante entre a força da vida e do amor, contra a morte e a destruição simbolizados pelos deuses gregos Eros (amor) e Tanatos (morte). A sua teoria da mente ganhou forma com a publicação em 1923, de "O Ego e o Id".



F O U C H É

Joseph Fouché, homem dos mais poderosos de sua época e um dos mais notáveis de todas as épocas, encontrou pouca simpatia entre os seus contemporâneos e ainda menos justiça na posteridade.

Napoleão em Santa Helena.

Robespierre entre os jacobinos.

Carnot, Barras, Talleyrand nas suas memórias.

Todos os escritores franceses, monarquistas, republicanos e bonapartistas mergulharam suas penas em fel quando escrevem o nome dele.

Traidor nato, intrigante miserável, natureza de réptil, homem absolutamente sem moral, moralista desprezível.

Nenhuma injúria lhe foi poupada e nem Lamartine, nem Michelet, nem Louis Blanc experimentaram estudar seriamente o seu caráter – ou antes, a ausência constante de caráter.

Pela primeira vez seus traços nos são apresentados sob seu verdadeiro aspecto na monumental biografia de Louis Madelin.

Com essa única exceção, a história pôs de lado, silenciosamente, na última fileira dos personagens insignificantes, este homem que num momento dado dirigiu e sobreviveu a todos os partidos da França e que, num duelo psicológico, superou Robespierre e Napoleão!

Em 28 de dezembro de 1820 acabou-se em Trieste, num porto de mar meridional, esta vida singular, este destino tão rico, começado num porto setentrional.

E a 28 de dezembro foi sepultado no descanso supremo o corpo deste homem destinado à inquietação, à mudança e ao exílio.

A notícia da morte do célebre Duque de Otranto suscitou a princípio pouca curiosidade.

Somente uma tênue a pálida fumaça de recordação esvoaçou ligeiramente sobre o seu nome apagado, dissipando-se, quase sem deixar traço, no céu apaziguado da época.

Mas Fouché fica fiel a si próprio, mesmo além da morte.

Porque as *Memórias*, que um esperto livreiro publicou em Paris em 1824, são tão pouco fiéis quanto o fora Fouché.

Até no túmulo este homem obstinadamente mudo não revela toda a verdade.

Ele levou consigo, ciumentamente, para a terra fria seus segredos, para ficar ele próprio em segredo, alguma coisa de crepuscular, que oscila entre a luz e a sombra...

... um rosto que nunca se desvela inteiramente.

JOSEPH FOUCHÉ (1759-1820) De natureza estudiosa, Fouché foi direcionado para a carreira eclesiástica. Após a Revolução Francesa, foi eleito deputado por Nantes. No olho do furacão, Fouché percebeu que numa Revolução os líderes de hoje são os traidores de amanhã. Que a Revolução pertence aos sobreviventes. Fouché fugia das agitações usando a técnica dos bichos. Tallien, Billaud, Collot d'Herbois e Barras levaram a fama no 9 *Termidor*, mas aquele que Robespierre mais temia se mostrou um adversário à altura. Fouché traçou seu destino com o objetivo de conspirar nas sombras, resistir nas sombras, derrotar nas sombras, vencer nas sombras. E a todos sobreviveu, morrendo esquecido, solitário e velho: sempre nas sombras...



N I E T Z S C H E

A tragédia de Friedrich Nietzsche é um monodrama, tragédia em que o único ator na curta cena da vida, é ele próprio.

Em cada um dos atos – atos rápidos como uma avalanche – está Nietzsche, como um lutador solitário, sob o tempestuoso céu do seu destino.

Não tem ninguém ao lado, ninguém está à sua frente, nenhuma mulher, com a terna presença, suaviza essa tensão atmosférica.

Toda ação vem dele e apenas nele se reflete.

As únicas figuras que, ao princípio, marcham ao seu lado, são companheiros mudos, assombrados e assustados com a sua empresa heróica.

E depois, pouco a pouco, dele vão se distanciando, como se fora perigoso o contato. Nenhuma pessoa se atreve a penetrar no círculo interior do seu destino.

Nietzsche fala, luta e sofre sempre por conta própria.

Não fala a ninguém e ninguém lhe fala.

E o que é ainda mais terrível: ninguém o ouve!

Quando se entra em contato com os seus livros aspira-se o ozônio, um ar puro, elementar, desprovido de pressão, de nebulosidade ou de densidade.

Vê-se livremente nessa paisagem até o mais alto do firmamento e respira-se um ar único, um ar feito para corações robustos e espíritos livres.

Sempre a liberdade é o seu objetivo.

O sentido da sua vida é a própria queda.

Assim como a natureza precisa de tempestades e ciclones para dar curso ao excesso de forças em um estremecimento que vai contra a própria estabilidade, do mesmo modo o espírito necessita, de vez em quando, de um homem demoníaco, cuja potência superior se erga contra a mesmice do pensamento e a monotonia da mora.

Necessita de um homem que destrua e que se destrua por sua vez.

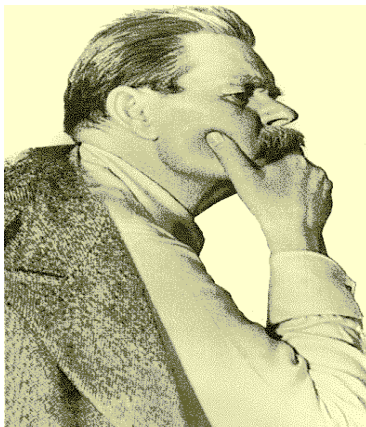
Mas esses heróicos insubordinados não são menos plasmadores e criadores do universo do que os outros inventores silenciosos.

Se uns mostram a plenitude da vida, os outros nos ensinam sua inconcebível amplitude.

Porque é somente por intermédio das naturezas trágicas que conhecemos os abismos do sentimento.

E somente por intermédio desses espíritos imponderáveis, desmedidos, a Humanidade pode conhecer suas extremas proporções.

FRIEDRICH WILHELM NIETZSCHE (1844-1900) Filósofo alemão. Sendo considerado pelos mestres como um aluno brilhante, recebeu dos colegas o apelido de "pequeno pastor", profissão dos seus avós protestantes. Aos 14 anos, em consequência de sua dedicação aos estudos, obteve uma bolsa na renomada escola de Pforta. Lá ganhou fluência em grego e latim e ao mesmo tempo começou a questionar os ensinamentos do cristianismo. Depois de Pforta, foi para Bonn estudar filosofia e teologia. Convocado para o Exército em 1867, escapou da atividade devido a uma queda durante uma cavalgada. Convencido por um professor, passou a morar em Leipzig para estudar filologia. Com apenas 24 anos, conseguiu ser nomeado professor de filologia clássica na Universidade de Basileia. Seu primeiro trabalho acadêmico conhecido foi "A Origem e Finalidade da Tragédia", que escreveu em 1871.



G O R K I

Alexandre Puchkin, o patriarca da literatura russa, tinha sangue de príncipes, Leon Tolstoi pertencia à família de Duques, Turgueniev era latifundiário, Dostoievski era filho de nobre, todos eram nobres.

Porque a literatura, a arte e todas as formas de realização espiritual pertencem, no século 19, inteiramente à nobreza russa.

Até o século 20, entrevimos o povo russo unicamente através da voz de seus nobres, graças a Puchkin, graças a Tolstoi, Turgueniev e Dostoievski.

Mas sobrevém de súbito o inesperado, o inopinado, o maravilhoso: ergue-se para falar aquele ser a mil anos mudo.

Criou a voz da sua própria carne, foi orador de seu verdadeiro idioma, um homem de seu próprio meio e despreendeu de seu corpo agigantado este homem, o poeta, seu poeta e a testemunha, que enviou a toda a humanidade, do proletariado russo, dos humilhados e aflitos.

Esse homem, esse mensageiro, esse poeta, foi o intérprete resolutivo e fiel de uma geração inteira de deserdados.

Seus pais lhe dão o nome de Máximo Peskov, mas ele mesmo se intitula Gorki – o amargo – e com esse nome saúda-o agradecido o mundo intelectual e todos os que verdadeiramente se sentem como povo entre os povos.

Este homem desconhecido, Máximo Gorki, teve seu destino traçado pela exuberância de um povo, como testemunha da vida dos infelizes, como intérprete de todos os padecimentos da pobreza russa e de toda a humanidade.

E ele honesta e diretamente o pode provar, porque teve cada profissão, cada sofrimento, cada dor e cada experiência em sua própria vida.

Aprendeu a sentir e reproduzir em seu próprio corpo cada padecimento antes de transfigurá-lo em poesia.

Viveu em todas as províncias proletárias, foi muito tempo aprendiz e servo de todos os sofrimentos, antes que pudesse se tornar senhor da palavra e mestre da forma.

Atravessou, cruciado de dores, todas as etapas do destino proletário antes que se tornasse artista.

Assim reveste sua obra uma grandeza especial, pois a este poeta nada foi presenteado na vida, porém sempre foi combatido, levando uma existência penosa cujo esplêndido resultado foi originado e forçado pela amargura de uma realidade hostil.

Podemos, graças às suas obras, compreender a Rússia fraternal, próxima e vizinha de nosso mundo, sem estranheza e sem dificuldades.

Foi cumprida a mais alta obrigação do poeta, aproximadas as distâncias, as classes das classes, para unir povos e povos em sua última unidade – a Humanidade.

Este dia de festa espiritual é da nação russa e de todo o mundo.

E assim saudamos unanimemente a ambos, que são unos em sua imagem – nós saudamos Máximo Gorki, o poeta transformado em povo e o povo transformado em poeta.

MAXIMO GORKI (1868-1936) Escritor russo, fundador do Realismo Soviético. Levou uma vida errante na qual baseou os primeiros contos, sempre de personagens populares. Com 24 anos publicou o primeiro livro e já era conhecido quando saiu Tchelkash, história que consolidou a fama como contista. Participou das revoltas que precederam a Revolução Russa. Depois de uma breve prisão, mudou-se para os EUA, mas, ilegalmente casado, foi obrigado a deixar o país. Na Itália, morou em Capri e em Sorrento, onde publicou sua última obra Delo Artamonovykh. Voltou à Rússia e passou os últimos dias na sua cidade natal Novgorod.



BUSONI

A fisionomia de Ferruccio Busoni foi por muito tempo sombreada pela nuvem de uma barba espessa.

Parecia trágico e sombrio visto ao sair do fundo da sala a caminho do piano, qual um Cristo sofredor no lanho negro – que ocultasse em si todos os poderes e martírios terrenos, para serem por ele novamente reunidos...

Depois, quando desapareceu a moldura escura da barba, os cabelos caídos não encobriram mais em ondas negras o seu semblante e deixou vislumbrar a fronte clara, pura, belamente conformada.

Descobriu-se então em seus traços serenos (muito espirituais e muito sentimentais), a mobilidade dos lábios, que se tornam duros somente nas horas de música, mas que se arqueiam para sorrir durante a conversa.

Vêem-se então, surpreso de alegria na fisionomia iluminada os olhos brilhantes, límpidos e claros como água, não como águas sombrias, paradas, rasas, mas como aquelas continuamente agitadas por incessante movimento de renovação e alimentação das fontes subterrâneas.

Ferruccio Busoni contempla...

Observa a si mesmo quando toca.

Parece haver distância infinita entre as mãos espirituais – que embaixo agitam sons – e o semblante altaneiro, cheio de encantada admiração, maravilhado em suave espanto ante a inominável beleza da música.

Embaixo a música, em cima o silêncio, embaixo a execução, em cima o êxtase.

Nesses raros minutos parece esquecer que tudo isso que o prende em doce vibração, dele mesmo irrompe.

Respira, inebria-se e paira extático, estranho a si mesmo, no gesto não estudado de abandonado arrebatamento.

Seu rosto se ilumina então na tensão da escuta e os olhos, voltados para o alto, refletem algum céu invisível e nele o Deus eterno...

Nos tempos em que outros se tornam tristes, só alegria nasce dele.

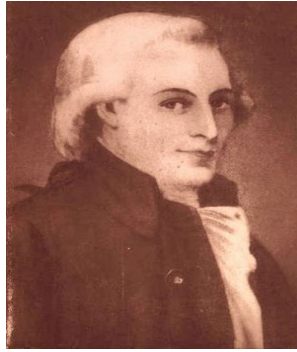
Nos tempos em que nos outros se esgota a fonte criadora, nele começa a música a jorrar.

Ao virtuoso a própria perfeição dificulta o caminho, pois o artista Ferruccio Busoni, o criador, tem tempo e espaço para prosseguir...

A arte dos jovens é pessoal, por isso selvagem e confusa.

Porém a maestria dos bons traz sempre na cabeça a coroa prateada da serenidade.

FERRUCCIO BUSONI (1866-1924) Pianista e compositor italiano. Educou-se na Áustria e atuou em concertos desde a idade de nove anos. Em 1890 ensinou no o Conservatório de Moscou e depois de 1891 no Conservatório de Música de Nova Inglaterra, Boston e outros centros similares. Sobressaiu-se como intérprete, transcreveu e editou as obras de Bach. Suas composições abrangem música de câmara, poemas sinfônicos, concertos, suítes, obras orquestrais e numerosas peças para piano.



C A S A N O V A

Casanova é dentro da literatura universal um caso extraordinário, um caso único de sorte: o seu nome – nome de charlatão – desliza, sem nenhum merecimento, para dentro do Panteão do gênio criador. A obra literária de Casanova não é mais sólida do que o seu título de Cavaleiro de Seingalt, que não passa de uma combinação de letras, preparada com todo o desplante.

Toda a sua produção literária limita-se a um par de versos rapidamente improvisados entre a mesa de jogo e o leito – versos acadêmicos, viscosos e saturados de almíscar. Para se ler até o fim o seu livro “Isokameron” é preciso ser um asno e um cordeiro ao mesmo tempo. E quando o nosso bom Jacob começa a fazer suas filosofias, se é forçado a cerrar os dentes com força para evitar uma serie de bocejos. Não, não pertence à nobreza literária. Nesta como na outra – é um parasito, um adventício, sem nenhuma classificação e sem nenhuma autoridade.

Mas durante toda a sua vida, Casanova, pobre filho de uma comediante, vagabundo, repudiado, militar degradado, jogador exímio e “fameux filou” – famoso trapaceiro (assim o denomina a polícia de Paris ao descrevê-lo) consegue na vida ombrear-se com imperadores e reis, para morrer, afinal, nos braços aristocráticos do Príncipe de Ligne. Depois de morto o seu espírito através do espaço colocou-se entre os imortais, embora apenas como “belo espírito” *unus et multi* – como cinza levada pelo vento dos séculos! E o que é curioso: os seus contemporâneos, os seus mais célebres compatriotas, os poetas da Arcádia, o divino Metastasio, o nobre Parini e *tutti quanti*, tornaram-se relíquias de bibliotecas ou alimento de filólogos. Porém ele, Casanova, não! Seu nome anda hoje em todos os lábios e todos sorriem ao pronunciá-lo.

Conforme todas as probabilidades, sua “Ilíada” erótica perdurará para sempre e encontrará ansiosos leitores, enquanto a “Jerusalém Libertada” e o “Pastor Fiel” há muito tempo se cobriram de pó nas estantes como quaisquer antiquilhas ou simples curiosidades históricas. O exímio jogador ganhou, num lance magnífico da sorte, de todos os poetas italianos, desde Dante a Boccacio.

E em tudo isso há uma coisa mais insensata ainda: para tão imenso lucro o emérito jogador nada arriscou na parada, simplesmente meteu a imortalidade no

bolso, sem perguntar o preço. Nunca esse “jongleur” sentiu a responsabilidade que atormenta todo artista ao medir a profundidade obscura e sinistra do seu longo trabalho.

Casanova ignora o prazer misturado de angústia de quem cria uma obra de arte, de quem tem a sede eterna e inextinguível, a sede de triunfo e de temor. Não conhece o magnífico mergulho em busca da verdadeira forma ou da harmonia no equilíbrio. Ignora as noites de vigília e os dias inteiros passados no trabalho minucioso e exaustivo de forjar e polir a frase para que a idéia, o sentido puro e irisado possa realçar em meio da linguagem. Desconhece o trabalho insano do poeta, trabalho obscuro, quase nunca recompensado e que às vezes só é percebido depois de várias gerações. Desconhece a heróica renúncia a todo conforto e a toda expansão do próprio ser.

Casanova – Deus o sabe! – só procurou a vida fácil. Nunca sacrificou à deusa imortalidade nem uma partícula de sua alegria, nem um átomo de prazer, nem uma hora de sono, nem um minuto de diversão. Em toda a sua vida não move um dedo para alcançar a Glória ou a Fama, porém esta – oh feliz pupilo da fortuna! – esta se precipita para os seus braços. Enquanto existe uma gota de azeite na lâmpada do amor, enquanto a realidade lhe oferece todos os prazeres – ele não pensa no espírito fantástico da Arte nem mancha os seus dedos de tinta.

Só quando se lhe fecharem todas as portas, quando o abandonam as mulheres, quando se sente sozinho, miserável, impotente, quando é, enfim, apenas uma sombra de uma existência passada que nunca mais voltará, só então se refugia no trabalho, como um velho baboso e rabugento, como se fosse um consolo para a sua vida. E o faz apenas por aborrecimento, irritado pela cólera como um velho mastim desdentado e sarnento. Então, rabugento e queixoso, se decide a nos contar a sua vida, isto é, contá-la a si próprio. Mas na verdade que vida a sua! São cinco novelas, vinte comédias, sessenta narrativas, encantadoras situações em trechos esparsos, saborosas anedotas. Tudo isso e outras coisas ainda rolam na torrente densa e atribulada dessa vida invulgar. Não se pode exigir nenhum engenho no narrador. A sua vida, por si só, enche todas as páginas, pomposa como uma obra de arte. E é esse o segredo da sua fama.

Casanova demonstrou-nos que se pode escrever a novela mais divertida do mundo sem se ser novelista ou historiador, pois o que importa não é o caminho e sim o efeito, o resultado. Não importa a moral – e sim a intensidade.

Para a imortalidade a moral é nada: a intensidade é tudo!

GIACOMO GIROLAMO CASANOVA (1725-1798) Aventureiro veneziano de vida dissoluta marcada por vícios, amores e relações com personalidades. Foi seminarista, violinista, protegido da nobreza. Viajante infatigável, Casanova visitou muitos países, voltando para Veneza em 1755. Devido ao seu vício pelo jogo, por aplicar truques e usar a magia negra e branca – além da publicação de sonetos satíricos e licenciosos – foi condenado a cinco anos de prisão em Florença. Antes de completar três anos Casanova fugiu de forma espetacular. Refugiou-se na França onde, mas depois foi obrigado a abandonar Paris depois de muitas pendengas judiciais, recuperou a paixão pelas viagens. Depois de longa estada em Turin e Trieste, conseguiu o perdão e pôde regressar a Veneza em 1774, ano que encerra a primeira parte de suas famosas “Memórias”.



BALZAC

Em escritor algum a intensidade de absorção na sua própria obra, a crença nos seus próprios sonhos, jamais foi mais forte, nem a alucinação tão próxima da ilusão verdadeira.

Balzac, à maneira de uma máquina, jamais soube fazer parar o trabalho da sua imaginação.

Um amigo entra em seu aposento para visitá-lo. Balzac se precipita diante dele e diz de supetão: “Imagina, a desgraçada suicidou-se!”

E somente depois do recuo de espanto do amigo é que ele se dá conta de que a heroína de quem falava – Eugénie Grandet – jamais existiu a não ser nas pupilas de seus próprios olhos.

E o que distingue essa alucinação tão contínua, tão intensa, tão completa – da alucinação patológica de um louco, é talvez apenas a identidade das leis que regem a vida exterior e essa nova realidade (são as mesmas casualidades que condicionam o ser).

Não é tanto a forma da vida quanto a capacidade de vida de seus próprios personagens que, vindo de fora, entravam na sua obra, como se não tivessem que transpor apenas a porta do seu gabinete de trabalho.

A obra de Balzac é imensa.

Em seus oitenta volumes vive toda uma época, todo um universo, toda uma geração.

Antes dele jamais fora metodicamente tentada empresa tão grandiosa.

Nunca a audácia de uma vontade sobre-humana foi mais bem recompensada.

Os *dilettantes*, aqueles que, para se divertirem, procurando à noite esquecer o mundo mesquinho de sua existência, querem novos quadros e novos

personagens, encontram em Balzac toda a excitação que lhes é necessária e um teatro variado.

Os dramaturgos encontram em Balzac matéria para mil tragédias.

Os sábios encontram uma multidão de problemas e de idéias – atiradas negligentemente como restos da mesa de um homem mais do que farto.

Os amorosos e apaixonados encontram aí o ardor do êxtase, por assim dizer, ideal.

Mas a herança mais rica é ainda para os poetas.

No projeto da *Comédie Humaine*, ao lado de romances concluídos, há ainda uns quarenta inacabados, que não foram escritos.

Um deles se chama *Moscou*; aquele outro *A planície de Wagram*, este trata das batalhas travadas nas cercanias de Viena e um outro é consagrado à vida da paixão.

É quase uma felicidade não terem sido terminadas todas essas obras.

Balzac disse um dia: “Aquele que, a qualquer tempo, pode transformar seus pensamentos em ações é um gênio”.

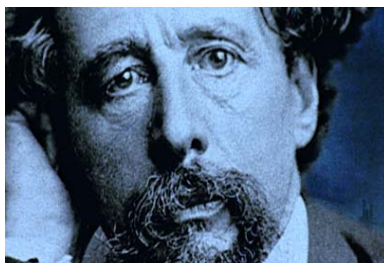
“Mas, o gênio verdadeiramente grande, proíbe-se de exercer continuamente essa atividade, porque se assemelharia demasiado a Deus”.

Com efeito, se lhe tivesse sido permitido concluir todos os seus romances, encerrar inteiramente sobre si mesmo o ciclo das paixões e dos acontecimentos, sua obra teria atingido os limites do inconcebível.

Ela teria se tornado uma monstruosidade, um espanto para todos aqueles que viessem depois dele, desencorajados pela impossibilidade de atingi-lo.

Entretanto, tal como aparece – *torso* sem similar – ela é um estimulante extraordinário e o exemplo mais grandioso que possa encontrar uma vontade criadora em marcha para o inacessível.

HONORÉ DE BALZAC (1799-1850) Um dos mais extraordinários e completos escritores de todos os tempos. Apesar das pretensões aristocráticas, era de família modesta. Depois dos 20 anos resolveu se tornar escritor profissional e mudou-se para Paris. Durante anos acumulou escritos para os quais não encontrava editor. Alcançou o primeiro sucesso com *Les Chouans*. Nos anos seguintes sua fama como escritor se consolidou. De saúde frágil, viajou para a Polônia onde encontrou Eveline Hanska, rica dama polonesa com quem trocou cartas por mais de 15 anos. Casou-se com ela em Berdichev e três meses depois morreu em Paris.



D I C K E N S

Não! Não se deve investigar nos livros, nem tampouco perguntar aos biógrafos o quanto Dickens foi amado pelos seus contemporâneos.

O amor somente vive e respira através da palavra falada.

É necessário fazê-lo contar, de preferência por um inglês cujas reminiscências da mocidade ainda remontam ao tempo dos primeiros êxitos de Dickens, como um daqueles que, passados tantos anos, não conseguem chamar o autor de *Pickwick* de Charles Dickens, mas continua a usar o velho apelido familiar e íntimo de “Boz”.

Um herói de Balzac é ávido e ambicioso, arde pelo desejo desenfreado do poder.

Nada lhe basta, todos são insaciáveis, cada um deles, por sua vez, é um conquistador do mundo, um revolucionário, um anarquista.

Trem um temperamento napoleônico.

Também os heróis de Dostoiévski são inteiramente possuídos da chama e êxtase. Sua vontade repudia esse baixo mundo e soberbamente descontentes com a vida real, aspiram à posse da verdadeira vida.

Não querem ser cidadãos nem homens, mas em cada um deles, através de toda a sua humildade, brilha sempre a perigosa altivez de querer se tornar o Salvador.

Um herói de Balzac quer subjugar o mundo, um herói de Dostoiévski quer superá-lo. Ambos se elevam acima da rotina cotidiana, orientam-se para o infinito.

Na obra de Dickens, pelo contrário, os homens são todos modestos.

Na obra de Dickens até mesmo os celerados não são realmente imorais: apesar de todos os maus instintos, têm o sangue demasiado incolor para isso.

Essa mentira inglesa que quer ignorar a sensualidade é um sinal da sua obra.

A hipocrisia de olhos vesgos, que deixa de olhar o que não deseja ver, rouba de Dickens a visão penetrante das realidades.

A Inglaterra da rainha Vitória impediu Dickens de escrever o romance absolutamente trágico, que era a sua aspiração mais íntima.

E ela o teria atraído inteiramente para a sua própria mediocridade, teria feito dele integralmente o advogado de sua mentira sexual, enleando-o com os braços da popularidade, se o artista não tivesse podido dispor livremente de um mundo no qual seu desejo criador encontrou asilo – se ele não tivesse possuído essas asas de prata que o elevaram sobranceiramente acima das águas estagnadas desse oportunismo.

Quer dizer, o seu bom humor afortunado e quase sobrenatural.

Esse mundo feliz, livremente alciônico, sobre o qual já não se debruçam as brumas da Inglaterra, é o país da sua infância.

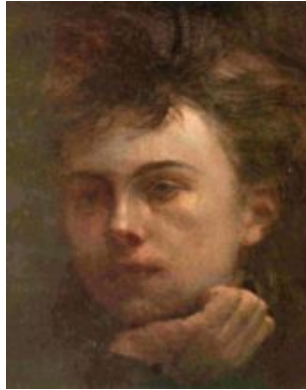
A mentira inglesa circuncida o homem em sua sensualidade e impõe suas leis ao adulto.

Mas as crianças vivem ainda na despreocupação paradisíaca dos sentidos. Não são ainda ingleses, são simplesmente pequenas e límpidas flores humanas e – no seu universo multicolor – as brumas da hipocrisia britânica ainda não projetam a sua sombra...

Porque ele amou verdadeiramente as crianças como a mais pura forma do ser humano.

Quando queria tornar os homens mais simpáticos, representava-os semelhantes a crianças.

CHARLES DICKENS (1812-1870) Escritor britânico. Em 1827 casou com Catherine Hogarth, filha do diretor do Morning Chronicle, o periódico que difundiu, entre 1836 e 1837, o folhetim de Os cadernos póstumos do Clube Pickwick e os posteriores Oliver Twist e Nicholas Nickleby. A publicação por assinatura de praticamente todas suas novelas criou uma relação especial com o público, sobre o qual chegou a exercer importante influência. Em todas as suas novelas se pronunciou de maneira quase sempre direta sobre os assuntos de seu tempo.



R I M B A U D

Absurdo! Ridículo! Repugnante!

Com tais palavras escusava-se Arthur Rimbaud, aos 23 anos de idade, quando, com palavras de admiração pelos seus versos, procuravam timidamente reconquistá-lo para a literatura.

Não era repugnância afetada de um literato que renegasse veementemente os trabalhos da mocidade para concentrar todo o seu interesse na produção futura.

Era uma resolução firme, impiedosa, calculadamente resolvida.

O moço de 23 anos havia muito tinha deixado a arte para trás. Havia chegado da África, tinha percorrido todo o mundo, andou como vagabundo pela Alemanha, Inglaterra, Bélgica, freqüentou os bulevares de Paris como vendedor ambulante ajudou na colheita os camponeses holandeses, conheceu a cama dura das prisões e o horror da floresta virgem.

Alistado como soldado para as colônias holandesas, evadiu-se em Sumatra, foi perseguido como foragido, sofreu fome nas aldeias malaias escondido nas selvas, vivendo com macacos e animais selvagens.

Tinha-se tornado célebre aos 17 anos, poeta festejado, *Shakespeare enfant*, como o batizou Victor Hugo, o mestre das frases feitas. Aos 16 anos escreveu poesias como “Sensation”, a mais bela poesia alemã da língua francesa. Aos 16 e 17 anos, *absolument ecoeuré par toute poesie existante*, os “Effarés”, versos selvagens, libertos de toda estética – e outras poesias convulsivas que inauguraram um mundo de novas possibilidades.

E finalmente, mais rapaz que menino, escreveu a incomparável “Le Bateau ivre”, esse sonho titânico, revolta de cores e sinfonia fantástica criada de palavras febris, que a mim e a muitos parece a mais importante poesia da literatura francesa.

Revolucionário a princípio no emprego de assonâncias, de liberdade de rimas, torna-se anárquico, amontoa todas as formas, escreve a selvagem e tempestuosa

poesia em prosa, “Illuminations”, segundo sua própria melodia bárbara. Uma prosa que é uma obra prima da mais alta poesia, grande como as linhas em cataratas de Walt Whitman, como o êxtase dionisíaco de Nietzsche.

Liberto intimamente da cultura, aproxima-se do som primitivo, balbuciante, religioso, num sentido profundo, rapsódico: houve apenas uma notável espécie de estilo do acaso, que fundiu em um só livro os dois contemporâneos libertos do mundo: “Une saison d’enfer” e “Zaratustra”.

A força verbal de Rimbaud tornou-se pouco a pouco fenomenal, as palavras se avolumam em suas mãos, a gelatina cinzenta das idéias ingurgitadas de sangue como vampiros, dilatados pelas cores até explodirem, cintila em luzes jamais vistas.

As palavras usadas tornam-se novas, crepitam eletricamente e emitem de repente faíscas selvagens e ferozes. Saltam inesperadas, surpreendem e se controlam outra vez, antes que fossem compreendidas logicamente.

Deixar tais poesias aos 18 anos, não seria extraordinário, só um recorde, pois Keats morreu com 24 anos. Seu exemplo único, porém, é o desprezo do artista pela arte, pois ele nunca a abandonou: ela se despedaçava ao seu contato, violentamente e então se aviltava.

E quando nada mais de novo tinha para oferecer, ele a atirava fora para não mais a tocar, porquanto tinha passado pela última ilusão, antes que outras tivessem ousado penetrar nela.

E, como Fausto na hora decisiva, risca corajosamente a frase “No começo era o verbo”, para com ímpeto escrever com tinta indelével no livro da vida: “No começo era a aventura”. (1907)

ARTHUR RIMBAUD (1854-1891) Em 10 de novembro de 1891, após longa e dolorosa agonia, Arthur Rimbaud morreu numa clínica de Marselha. Tinha 37 anos, sofria de câncer nos ossos. Antes de chegar à Marselha, Rimbaud teve de amputar a perna direita infeccionada. Por ter sido tão breve, a vida de Rimbaud constitui um grande enigma da literatura. Gênio precoce, ele produziu entre 15 e 18 anos toda a sua obra, que se tornou um marco da poesia moderna francesa. Depois disso Rimbaud nunca mais escreveu literatura. Além da contabilidade e das contas referentes à sua atividade, a correspondência que manteve com a família foi tudo que escreveu. Até hoje pesquisadores e críticos literários continuam a interrogar qual o real motivo – além do caso homossexual que teve com Verlaine – que levou o poeta a largar a poesia e o mundo literário, que antes havia surpreendido com seu talento.



HÖLDERLIN

“Não foram os homens que me ensinaram e sim um coração sagrado e amoroso que me ergueu para o infinito”. (Hölderlin)

Nenhum poeta alemão teve tanta fé na poesia e na sua origem divina como Hölderlin.

Ninguém proclamou como ele a divisão absoluta que separa a poesia das coisas do mundo.

Ele próprio, todo êxtase, trasladou sua própria pureza para o conceito poético.

Poderá parecer raro, mas esse terno aspirante a pastor de almas tem um conceito do invisível e um ponto de vista sobre as forças sobrenaturais como ninguém teve desde a antiguidade.

Ele tem uma fé muito mais sólida no *Pai Eterno* e no Destino que governa o mundo do que os seus contemporâneos Novalis e Brentano tiveram em Cristo.

Para ele a poesia é o que o Evangelho era para aqueles: é a Verdade Suprema, é o mistério embriagador da Hóstia e do Vinho, que põe em comunicação o corpo com o Infinito.

Até para o próprio Goethe a poesia era uma parte da sua vida, mas para Hölderlin é a própria vida e seu único sentido.

Para aquele foi uma necessidade puramente pessoal, para este é uma necessidade religiosa.

Hölderlin reconhece na poesia o alento divino que dá vida e fecunda a terra, a única harmonia na qual submerge o espírito para, em doce bem-aventurança, apagar dentro de si o eterno desacordo interior.

A poesia enche esse angustioso vácuo que existe entre as partes elevadas do espírito e as regiões mais baixas do mesmo, entre os deuses e os homens, do mesmo modo que o cosmos enche e coloca esse abismo espantoso que existe entre a aboubada estrelada e a superfície da Terra.

Repito, pois, que para ele não é a poesia um puro adorno da humanidade ou uma atitude espiritual e sim o único desígnio na vida e o princípio criador que sustém o Universo.

Por isso, consagrar a vida inteira à poesia é a única oferenda digna que um homem pode dar.

E esse grandioso conceito, por si só, explica todo o seu heroísmo.

Se Goethe é o Zeus de Otricoli, Deus da plenitude e da força – Hölderlin é o jovem Apolo, o Deus da manhã e do canto: um mito do doce heroísmo e de santa pureza emana do seu vulto amorável e, como um jovem Serafim com asas de esplendor, o diadema prateado da sua poesia brilha por sobre o materialismo e a confusão do nosso mundo.

A História é a mais grave de todas as deusas. Imóvel e imortal, penetra com a sua visão até as profundezas dos tempos – e com mão segura, sem sorrisos e sem piedade, vai modelando os sentimentos.

Parece indiferente, ela, a imutável, tem sem dúvida os seus secretos prazeres.

Sua missão é dar forma aos acontecimentos e formar tragédias de fatalidades, mas seus prazeres, em meio a esse austero trabalho, são as pequenas analogias, as coincidências inesperadas que atingem as pessoas, os povos, o acaso, com as suas profundas significações.

Nada deixa a História apenas com o seu destino: para todo acontecimento encontra outro análogo.

Assim, a morte de Hölderlin, há de corresponder a uma morte análoga.

FRIEDRICH HÖLDERLIN (1770-1843) É considerado um dos maiores poetas da língua alemã. Sua produção foi interrompida pela loucura e nos anos que passou encerrado no sótão de seu amigo Zimmer ainda escreveu alguns poemas desconhecidos, que assinava com pseudônimos como Scardanelli e Killalusimeno. "Às vezes a escrita é abandonada porque a pessoa simplesmente cai em um estado de loucura do qual nunca se recupera."



K L E I S T

“Não sei o que dizer sobre mim, pois sou uma criatura impenetrável”. (Kleist)

Não há nenhuma direção da rosa dos ventos que Kleist, o eterno inquieto, não tenha tomado.

Não há nenhuma cidade da Alemanha onde Kleist, o eterno solitário, não haja vivido.

Está sempre caminhando.

Que é que o leva a essa eterna peregrinação?

Qual é o seu intuito?

Não são realmente explicáveis.

Tudo o que uma investigação detalhada pudesse descobrir como motivo dessas viagens não seria, na verdade, senão pretextos, desculpas dadas pelo seu demônio.

Kleist é o grande poeta trágico da Alemanha.

Não por vontade própria, mas porque forçosamente sua natureza foi trágica e sua existência uma tragédia.

Precisamente o hermetismo, a reserva, a paixão, isto é, o comprometimento do seu ser, cria essa coisa inimitável que há nos seus dramas e que nenhum outro pôde alcançar: nem Hebbel com a fria espiritualidade, nem Grabbe com o ardor.

Seu destino e seu ambiente formam parte das obras.

Por isso parece-me imbecilidade a exclamação, ouvida tão frequentemente,

– A que altura teria Kleist levado a tragédia se fosse são e livre da fatalidade!

A essência do seu ser era tensão, o destino a auto-destruição, por exuberância, por excesso de pressão.

Por isso têm o mesmo significado como obra de arte, tanto o seu suicídio, quanto o seu drama mais famoso “O Príncipe de Hamburgo”.

Junto aos grandes dominadores da vida, como Goethe o foi, aparece de vez em quando um grande dominador da morte, que faz da própria morte a mais alta poesia da vida.

Kleist, verdadeiro trágico, carrega plasticamente os pesares no momento imortal da morte.

Todos os sofrimentos estão cheios de sentido, se obtêm a graça da personificação, da criação.

Surge então a magia mais elevada da vida, porque só o que está despedaçado sente o desejo da perfeição.

Só o arrebatado alcança o infinito!

HEINRICH VON KLEIST (1777-1811) Poeta e dramaturgo alemão. Rechaçou o que considerava excessivo culto à razão. Aproximou-se da filosofia de Rousseau, abandonou os estudos e se transformou num vagabundo errante, realizando várias viagens à França, Suíça e outros países. Seu mais celebrado drama, O príncipe de Homburg (1810), baseado em um episódio da guerra dos Trinta Anos, se tornou polêmico e contraditório. Durante toda sua vida lutou infatigavelmente para incutir em seus compatriotas a resistência contra Napoleão. Pôs fim à sua atormentada vida aos 34 anos suicidando-se no Lago Wannsee.



Т О Л С Т О И

“O que importa não é a perfeição moral que se atinge, mas o modo de atingi-la”.

Leon Tolstói - *Jornal da velhice*

No país de Uz vivia um homem. Temia a Deus e evitava o mal – e seus rebanhos consistiam em 7.000 ovelhas, 3.000 camelos, 500 jumentas e muitos servos.

E era o mais opulento de todos os habitantes do lado do Oriente.

Assim começa a história de Jó, que foi cumulado de venturas até o momento em que Deus ergueu a mão contra ele e o feriu de peste, para despertá-lo de sua inércia material, mortificar-lhe a alma e deste modo ser por Ele julgado.

Assim começa igualmente a história espiritual de Leon Nicolaievitch Tolstói, que foi também o mais opulento do seu país e do seu tempo.

Também ele “atingiu o píncaro” entre os poderosos da terra e rico vivia confortavelmente em sua velha casa hereditária.

Seu corpo transbordava de saúde e força.

Conseguiu desposar a donzela que amava e ela lhe deu treze filhos.

São imortais as obras de suas mãos e de seu espírito – e até hoje conserva indelével brilho: quando o poderoso boiardo passava galopando diante dos camponeses de Isnaia Poliana, todos se curvavam com veneração e hoje o universo com respeito se inclina igualmente perante a glória retumbante do seu nome.

Como Jó antes da provação, Leon Tolstói também nada tem a desejar e, um dia, numa carta, ele escreve as mais temerárias palavras humanas: “Sou absolutamente feliz”.

De súbito, numa noite, tudo isso perde sentido e valor.

O trabalho repugna a esse trabalhador, sua mulher se torna estranha, seus filhos indiferentes. Durante a noite, transtornado ele se ergue do leito.

Como um enfermo vai e vem sem descanso. De dia, em frente da sua mesa de trabalho, senta-se apático, a mão abandonada e o olhar parado.

Uma vez sobe às pressas a escada para ir trancar no armário o seu fuzil de caça, para não usá-lo contra si mesmo.

Às vezes geme como se seu peito explodisse, outras soluça como uma criança num quarto escuro. Não abre mais uma carta, não recebe mais nenhum amigo.

A brusca mudança desse homem torna seus filhos receosos e sua mulher desesperada.

Qual a causa dessa súbita transformação?

Estará a doença minando a sua vida?

Qual o mal que atacou o seu corpo?

Adveio-lhe de fora alguma desgraça?

O que teria acontecido a Leon Nicolaievitch Tolstoi para que ele, o mais forte e poderoso de todos ali, se veja de repente privado de qualquer felicidade e tão tragicamente transtornado, ele o maior homem da terra russa?

E eis aqui a terrível resposta: Nada! Nada aconteceu a ele ou, mais claramente falando, uma coisa mais terrível ainda – o que ele encontrou foi o “Nada”. Tolstoi compreendeu o “Nada” de todas as coisas.

Há uma rachadura em sua alma, uma fenda estreita e negra.

E, a seu pesar, o olhar transtornado contempla fixamente esse vácuo, esse “Nada” sem nome, esse “nihil”, esse não-ser – essa presença estranha, fria, sombria e imperceptível que existe em nossa própria vida, palpitante, rica de vigor.

– Tolstoi contempla o eterno vazio do Ser efêmero.

LEON TOLSTOI (1828-1910) Escritor russo, de família nobre, ficou órfão aos nove anos e foi educado por outros parentes. Fez a universidade de letras e direito. Depois de formado foi a Moscou para se alistar no exército russo. Quando largou a carreira militar, passou a viver em sociedade. Viajou pela Europa e ao regressar se fixou no campo, para cuidar só de literatura. Casou-se e teve nove filhos. Em 1865 começou a escrever "Guerra e Paz", um dos maiores romances de todos os tempos. Depois saiu "Ana Karenina", que obteve grande repercussão. Aos poucos foi se entregando à religião e se tornou Cristão Evangélico, renegando a religião ortodoxa. Também as posições políticas se radicalizaram, aderindo ao anarquismo. Separando-se de sua família, Tolstoi resolveu entrar para um mosteiro. Decidiu sozinho fazer a viagem e embarcou num trem acompanhado da filha Alexandra e de um criado. A idade avançada, a saúde abalada, fez com que interrompesse a viagem, obrigando-o a descer em Astapovo para se tratar. A situação era grave, a notícia se espalhou. Telegramas, visitas, romarias, cartas, vinham da Rússia e todas as partes do mundo. Leon Tolstoi faleceu poucos dias depois.



FERNÃO de MAGALHÃES

É sempre a morte que nos revela o último mistério vital de uma figura.

Só no momento em que se realiza vitoriosamente a sua idéia, evidencia-se a tragédia desse homem solitário, a quem só a ele sempre foi dado carregar o fardo de sua missão, nunca podendo celebrar o seu êxito final.

O destino escolhera esse homem obscuro, taciturno, ensimesmado, entre milhões de homens, para realizar a façanha pela qual estava inflexivelmente disposto a sacrificar tudo o que possuía no mundo, achando-se ademais disto, pronto a dar a vida pela sua idéia.

Nada mais.

Chamou-o apenas para o trabalho pessoal, não lhe concedeu a graça de gozar os frutos e despediu-o como a um obreiro de ínfima categoria, sem gratidão nem mercê.

Outros colhem a glória de sua obra, outros embolsam o lucro, outros celebram as festas, pois o fado queria ser contra esse soldado duro tão severo como ele próprio fora em tudo e com todos.

Só lhe concede a única coisa que almejou com todas as veras de sua alma: encontrar a rota que conduz ao redor da Terra.

Mas já lhe nega o favor de percorrê-la até o final.

Só lhe permite contemplar e tocar a coroa da vitória, mas quando quer cingir-se com ela, grita-lhe a fatalidade: "Basta!" – e abate a mão que se erguia ansiosa.

Mas na História o valor moral de um feito nunca é auferido pelo seu interesse prático.

Só enriquece duradouramente a humanidade aquele que lhe aumenta o conhecimento de si mesma e engrandece a consciência produtiva.

Nesse sentido a façanha de Magalhães supera todas as proezas de sua época, sendo ainda maior a sua glória pelo fato de não ter sacrificado pela sua idéia, como a maioria dos líderes, a vida de milhares e centenas de milhares – e sim apenas a sua vida.

Pelo heroísmo sublime desse sacrifício jamais será esquecido o maravilhoso feito desses cinco navios pequenos, frágeis, solitários, que partiram para a guerra-santa da Humanidade contra o Desconhecido e será também inesquecível aquele que primeiro concebeu a idéia de dar a volta ao mundo, a qual se viu enfim realizada pelo último de seus navios.

Essa proeza de Magalhães – quase esquecida – provou pelos tempos dos tempos que uma idéia, com as asas do gênio, se mostra mais forte quando a paixão a leva decididamente avante, do que todos os elementos da natureza.

E provou, ainda, que aquilo que incontáveis gerações consideravam improvável, pode ser transformado numa verdade eterna – por obra de um único homem, com sua pequena existência efêmera.

FERNÃO DE MAGALHÃES (1480-1521) Navegador português. Serviu na armada de Dom Francisco de Almeida. Sob o comando de Lopes Sequeira participa na fracassada expedição a Malaca. Faz grande amizade com Francisco Serrão. Em 1511, com Afonso de Albuquerque, participa da conquista de Malaca. Regressa a Lisboa, faz viagens ao Norte da África, onde é ferido. A agressão o deixa claudicante, manco, da perna esquerda. Volta à Lisboa, pede promoções e aumentos a Dom Manuel: os pedidos são recusados. Oferece ao Rei um plano para alcançar o Oceano Pacífico: novamente é repellido. Dirige-se a Sevilha e o Rei Carlos V aceita o seu plano. Em 1519 inicia a primeira tentativa de circunavegação, alcança o Brasil, segue até o Rio da Prata, faz internada na baía de São Julião. Alguns comandados se rebelam. Magalhães domina o motim com mão de ferro. Executa e desterra os revoltosos, recupera a fidelidade da tripulação, descobre e atravessa o Estreito, desembocando no Oceano Pacífico. Descobre a Ilha dos Ladrões e as Filipinas, onde cai numa armadilha preparada por nativos. Por decisão própria, vai lutar na praia onde é isolado e assassinado. Cabe a Sebastian d'Elcano concluir a viagem e colher os louros das descobertas de Fernão de Magalhães.

Os autores

SALOMÃO ROVEDO tem formação cultural em São Luis (MA), reside no Rio de Janeiro. Participou de vários movimentos poéticos e literários nas décadas 60/70/80, tempos do mimeógrafo, das bancas na Cinelândia, das manifestações em teatros, bares, praias e espaços públicos. Tem textos publicados em Abertura Poética (Antologia), 1975; Tributo (Poesia), 1980; 12 Poetas Alternativos (Antologia), 1981; Chuva Fina (Antologia), 1982; Folgedos (Poesia/Folclore), c/Xilo de Marcelo, 1983; Erótica (Poesia), c/Xilo de Marcelo, 1984; Livro das Sete Canções (Poesia), 1987. Já publicou os seguintes e-books: Porca elegia, poesia (1987); 7 canções, poesia (1987); Ilha, novela (2000); A apaixonada de Beethoven, (2001); Sentimental demais, poesia (2002); Amaricanto, poesia (2003); Arte de criar periquitos, contos (2006); bluesia, poesia (2006); Mel, poesia (2006); Meu caderno de Sylvia Plath, fotos&rascunhos (2006); O sonhador, contos (2006); Sonja Sonrisal, contos (2006); Cervantes, Quixote, etc, e-artigos (2006); Gardência ou..., romance (2006). Publicou folhetos de cordel com o pseudo de Sá de João Pessoa; editou a folha de poesia Poe/r/ta; colaborou esparsamente em: Poema Convidado(USA), La Bicicleta(Chile), Poetica(Uruguaí), Alén(Espanha), O Imparcial(MA), Jornal do Dia(MA), Jornal do Povo(MA), A Toca do (Meu) Poeta (PB), Jornal de Debates(RJ), Opinião(RJ), O Galo(RN), Jornal do País(RJ), DO Leitura(SP), Diário de Corumbá(MS). Colabora em diversos sites de poesia e literatura (vide a seguir).

IZABELA MARIA FURTADO KESTLER é professora adjunta na área de Literaturas de Língua Alemã da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutorou-se em 1992 em Literatura Alemã Moderna na Albert-Ludwigs-Universität Freiburg/Alemanha com a tese “Die Exilliteratur und das Exil der deutschsprachigen Schriftsteller und Publizisten in Brasilien”, publicada no mesmo ano pela Editora Peter Lang de Frankfurt am Main. Fez graduação e curso de Mestrado na mesma universidade alemã de 1982 a 1987 nas áreas de Literatura Alemã Moderna, Ciência Política e Filosofia. A tese de mestrado, “Ernst Tollers publizistische Tätigkeit in der Weimarer Republik und im Exil”, aborda a obra ensaística e de crítica social e política do poeta e dramaturgo expressionista Ernst Toller. Tem trabalhos publicados sobre os seguintes temas: Literatura em língua alemã do exílio (1933-1945); exílio e literatura do exílio de escritores de fala alemã no Brasil; nazismo e anti-semitismo; literatura alemã após a 2ª Guerra Mundial e a divisão da Alemanha em República Federal da Alemanha e República Democrática Alemã; a obra poética e de crítica estética de Heinrich Heine; a lírica de Rainer Maria Rilke; Goethe e as ciências naturais; convergências entre o classicismo e o romantismo alemães no Período da Arte; fundamentos da filosofia da história no século 18; Humanismo e Bildung (Educação / Formação) no pensamento estético e filosófico alemão; as teorias estéticas de Friedrich Schegel; as obras estético-filosóficas de Friedrich Schiller. Seu projeto de pesquisa atual intitula-se “Configurações discursivas do Iluminismo e da Modernidade – Confluência e Interação de Discursos estético-filosóficos, antropológicos, historiográficos e literários”. Este projeto faz parte da Linha de Pesquisa Discurso e Transculturalidade do Programa Interdisciplinar de Lingüística Aplicada da Faculdade de Letras da UFRJ. Publicou pela Editora Edusp/São Paulo no início de 2004 a obra “Exílio e Literatura. Escritores de fala alemã durante a época do nazismo”, tradução revista e atualizada da tese de doutoramento. Preside desde dezembro de 2002 a Associação de Professores de Alemão do Rio de Janeiro (Apa-Rio). Desde julho de 2006 é vice-presidente da Associação Brasileira das Associações de Professores de Alemão do Brasil. É também editora-chefe de Forum Deutsch. Revista Brasileira de Estudos Germânicos e do Boletim Inter-Cultural da Apa-Rio.

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Compartilhamento pela mesma licença 2.5 Brazil. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-sa/2.5/br/> ou envie uma carta para Creative Commons, 559 Nathan Abbott Way, Stanford, California 94305, USA. Obs: Após a morte do autor os direitos autorais devem retornar para sua filha Priscila Lima Rovedo.

Sites pesquisados

<http://www.netsaber.com.br/>
<http://www.e-biografias.net/>
<http://noticias.terra.com.br/>
<http://www.biografiasyvidas.com/>
<http://www.pt.wikipedia.org/>
<http://www.tau.ac.il/>

Bibliografia

Os excertos dos textos de Stefan Zweig selecionados neste volume procederam dos seguintes livros:

De Stefan Zweig:

A corrente
 Américo Vespúcio
 As três paixões
 Brasil: país do futuro
 Coração inquieto
 Encontros com homens, livros e países
 Fernão de Magalhães
 Joseph Fouché
 O momento supremo: seis miniaturas históricas
 O mundo que eu vi
 Os construtores do mundo
 Tres poetas de sua vida
 Uma consciência contra a violência: Castellio contra Calvino

De Alberto Dines:

Morte no paraíso (3ª edição), Rocco, 2004

Escritos e ebooks de Salomão Rovedo

<http://andar21.fiestras.com/>
<http://es.geocities.com/alkionehoxe/salomao.html>
<http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=206&rv=Literatura>
<http://salomaorovedo.wiki.com/>
<http://portocroft.cultarte.com/?cat=5>
http://pt.weblog.com.pt/arquivo/cat_salomao_ovedo.html
<http://www.agal-gz.org/>
<http://www.casadobruxo.com.br/poesia/s/salomao.htm>
<http://www.dominiopublico.gov.br/>
<http://www.forumpoeticomundial.hpg.ig.com.br/provedos.htm>
<http://www.logoslibrary.eu/>
<http://www.museudapessoa.net/>
<http://www.oaixote.com.br/>
<http://www.pcd.pt/poesia/autores.php?autor=Salomão%20Rovedo>
<http://www.poetare.it/rovedo.html>
<http://www.recantodasletras.com.br/>
<http://www.usinadaspalavras.com/>
<http://www.viejoblues.net/Ebooks2.htm>
<http://www.xadrezdemestre.kit.net/>
<http://www.notivaga.com>